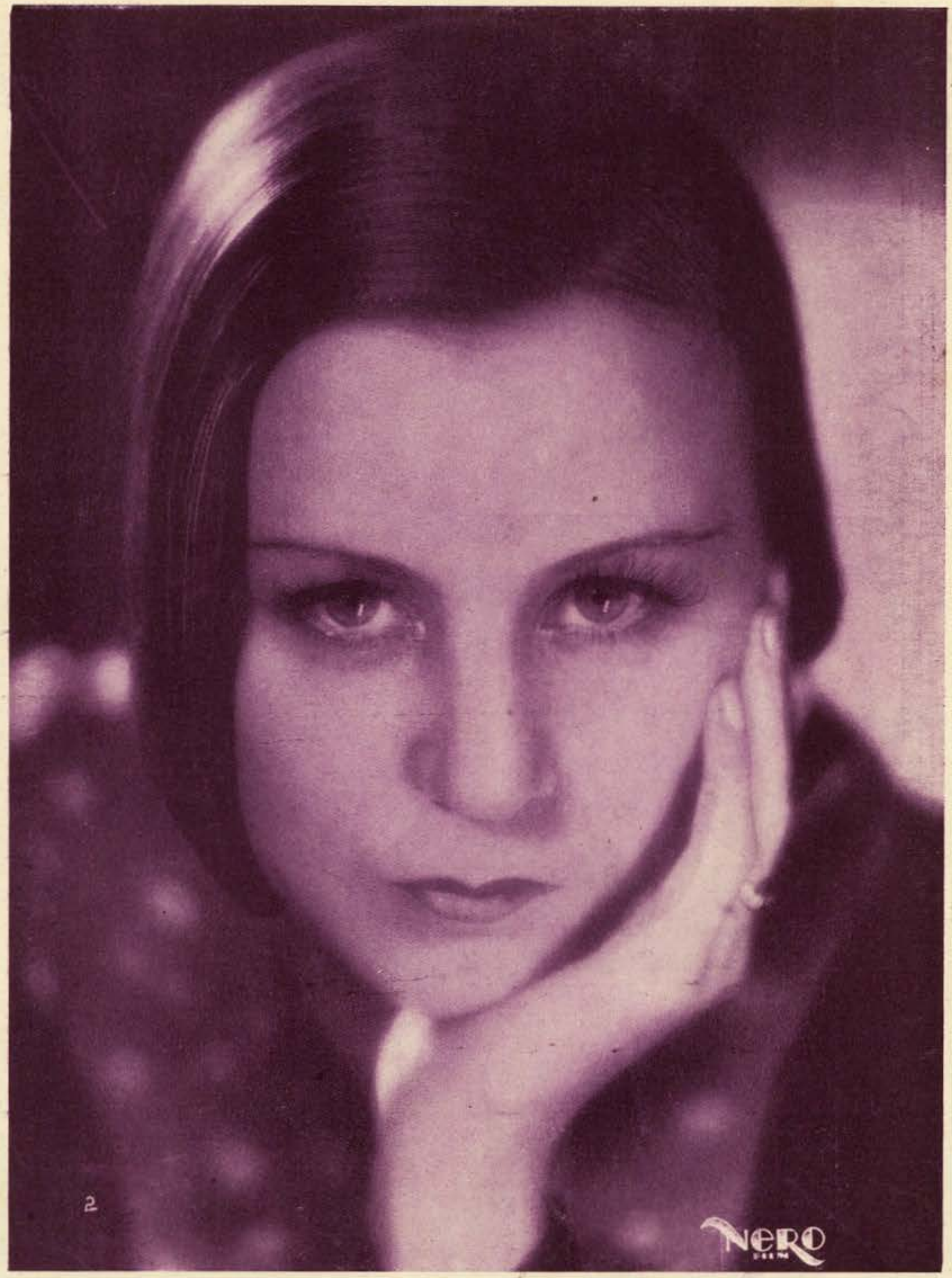


ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR - ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 11 ● 1$50



WERA LIESSEM, INTÉRPRETE DE FRITZ LANG

E' já sabida a preocupação de Fritz Lang em mudar constantemente de intérpretes femininas, regra que foi confirmada pela excepção Gerda Maurus, protagonista de «Espiões» e da «Mulher na Lua». No «Testamento do Dr. Mabuse», o prodigioso filme que hoje se estreia no São João do Pôrto, apresentado pela Agência H. da Costa, e que veremos brevemente no São Luís, o primeiro papel feminino foi distribuído a uma neófita: Wera Liessem de que publicamos o retrato, sujeitando-o à apreciação dos nossos leitores.

Na capa: KAREN MORLEY

Quere entrar num filme?

Inscreva-se, a partir de hoje, no

D. S. I.

(Departamento de Selecção de Intérpretes)

do BLOCO H. DA COSTA

a cargo da revista ANIMATÓGRAFO

«Animatógrafo», incumbido pelo Bloco H. da Costa de organisar a selecção de intérpretes para os seus filmess, não quis recorrer à forma habitual e desacreditada do *concurso* inter-cinéfilos, tanta vez posto em prática *sin pena ni gloria* por outras revistas cinematográficas.

Já se sabe o que acontece: os leitores mandam um retrato que lhes custa os olhos da cara (note-se que quási nunca sabem escolher o fotógrafo que lhes convém) e pelo qual não se pode fazer ideia nenhuma das suas possibilidades como *material* de realisação, e ficam eternamente à espera de entrar num hipotético filme que não chega a realisar-se. O caso contrário só acontece em 1 por cento dos casos e quando isso sucede é êsse filme sempre interpretado por artistas escolhidos de antemão...

Nós não quisémos lançar mão do já estafado processo do *concurso cinéfilo*.

Quizémos dar a essa organisação o característico de seriedade e de sigilo que têm todas as organisações verdadeiramente profissionais. Por isso preferimos criar um Departamento de Selecção de Intérpretes para todos os filmes do Bloco H. da Costa, à imágem dos «Casting-bureaux» americanos, verdadeiramente modelares quer como organisação quer com sentido prático.

O Departamento de Selecção de Intérpretes está aberto à inscrição de todos. Nem só os meninos bonitos ou as cinéfilas furiosas têm direito a figurar nas fichas do «Casting». **Todos, absolutamente toda a gente,** está apta a fazer a sua inscrição, pois que para um filme é necessária a colaboração dos mais diversos indivíduos.

Por isso ninguém deve deixar de se inscrever no D. S. I. para os filmes de produção do Bloco H. da Costa. De contrário seria deixar passar uma esplêndida oportunidade de entrar para o cinema, visto que já no primeiro filme do Bloco H. da Costa que sob a super-visão de Max Nosseck e a direcção de António Lopes Ribeiro está sendo realisado, entrarão vários dos inscritos no nosso Departamento.

Como vêem, a altura é a mais propícia para se iniciarem nos mistérios aliciantes da interpretação cinematográfica.

NÃO DEVEM, POR ISSO, DEIXAR DE INSCREVER-SE NO D. S. I. DE «ANIMATÓGRAFO».

Como dissémos no nosso número passado, o Departamento de Selecção de Intérpretes consta de dois serviços. Um, fixo, dirigido pelo chefe da redacção de «Animatógrafo», dr. Félix Ribeiro, e o outro, volante, sob a direcção de Olavo de Eça Leal.

O serviço fixo destina-se às pessôas que voluntàriamente queiram inscrever-se nos arquivos de Selecção de Intérpretes para a produção do Bloco H. da Costa.

Para a regularidade dos serviços foi estabelecida a seguinte tabela:

SENHORAS: 2.as e 4.as feiras das 15 às 18 horas, na secção feminina do A B C — 69, Rua do Alecrim.

HOMENS: 3.as e 5.as feiras das 16 às 19 horas, na redacção de «Animatógrafo» — 61, Rua do Alecrim.

O mecanismo da inscrição é dos mais simples e dos mais seguros.

Cada concorrente receberá em troca da quantia de cinco escudos, da inscrição, um talão com um número de ordem e será organisada a sua ficha, que ficará com o número igual ao da inscrição; depois, Luís Nunes, o fotógrafo *attaché* ao Departamento, fará a fotogafia que figurará na ficha, fotografia de que, depois, em troca do talão que o concorrente conservará em seu poder, lhe será oferecida uma prova em formato bilhete postal, justamente igual à que fica arquivada. E a partir do número imediato à data da inscrição, receberá pelo correio durante um mês — ou sejam quatro números — a nossa revista, gratuitamente.

OS MELHORES RETRATOS SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DE «ANIMATÓGRAFO» COM UMA PEQUENA APRECIAÇÃO SOBRE O CARACTER DOS PAPÉIS QUE MELHOR PARECE AJUSTAR-SE ÀS CARACTERISTICAS DO CONCORRENTE.

«ANIMATÓGRAFO» NÃO ESQUECEU OS LEITORES DA PROVÍNCIA. COMO LEITORES DA NOSSA REVISTA, TÊM ABSOLUTAMENTE OS MESMOS DIREITOS QUE OS DE LISBOA.

ASSIM PODERÃO TAMBÉM INGRESSAR NOS NOSSOS ARQUIVOS COMO POSSÍVEIS COLABORADORES DO BLOCO.

TODOS OS QUE SE INTERESSAREM NÃO TÊM MAIS QUE MANDAR UMA CARTA, TRAZENDO INCLUSO UM SÊLO DE 40 CTS. PARA A RESPECTIVA RESPOSTA, ENDEREÇADA AO: *DEPARTAMENTO DE SELECÇÃO DE INTÉRPRETES*, «ANIMATÓGRAFO», 65, RUA DO ALECRIM, LISBOA.

SER-LHE-Á EM SEGUIDA ENVIADO UM QUESTIONÁRIO, QUE DEPOIS DE PREENCHIDO NOS SERÁ ENVIADO JUNTAMENTE COM UMA FOTOGRAFIA, FORMATO BILHETE POSTAL E A RESPECTIVA IMPORTÂNCIA DA INSCRIÇÃO — 5$00.

FICAM ASSIM TODOS OS LEITORES DE «ANIMATÓGRAFO» EM IGUALDADE DE CIRCUNSTÂNCIAS PARA A INSCRIÇÃO NO D. S. I.

E AGORA NÃO TÊM MAIS QUE ACORRER À RESPECTIVA SÉDE DOS NOSSOS SERVIÇOS E INSCREVER-SE!!!

Já hoje, Segunda-feira, 12, se acha aberta a inscrição para SENHORAS, na secção feminina do A B C — 69, Rua do Alecrim, das 15 às 18 horas.

INSCRIÇÃO DE

SENHORAS

A's segundas e quartas

DAS

15 ÁS 18 HORAS

NA

SECÇÃO FEMININA

DO

A B C

69, Rua do Alecrim

LISBOA

INSCRIÇÃO DE

HOMENS

A's terças e quintas

DAS

16 ÁS 19 HORAS

NA

REDACÇÃO

DE

ANIMATÓGRAFO

61, R. do Alecrim

LISBOA

Heinrich Gartner

o famoso operador alemão que vem fotografar «Gado Bravo», foi entrevistado por «Animatógrafo»

Heinrich Gärtner, o operador dos filmes do Bloco H. da Costa, chegou ha dias a Lisboa depois dum excelente passeio por mar.

Se vocês não sabem quem é Gärtner (o que acho indecente) fiquem sabendo que se trata dum dos mais famosos operadores da grande Alemanha. Se a Alemanha fôsse um pequeno país pouco interessado em coisas de cinema, não mereceria a pena admirarmo-nos. Mas, felizmente para Gärtner, a Alemanha é de facto um país tremendo que produz filmes tremendos. Gärtner, com a sua categoria de participante do Grupo dos Seis, merece, pois, da nossa parte a maior admiração e a maior confiança.

Suponho que vocês não seriam capazes de me dizer assim de repente os nomes dos seis operadores do famoso grupo. Eu também não seria capaz de fazer essa habilidade, mas Gärtner, foi bastante simpático para dar-me um puxãosinho à memória. São êles: Hoffmann, Wagner, Rittau, Courant, Brandes e Gärtner. Se vocês são realmente uns cinéfilos apresentáveis, já devem ter ouvido falar de todos êles. Hoffmannjá esteve entre nós ha pouco menos dum ano, com a troupe da U. F. A. que veio filmar a Lisboa e Cascais algumas cenasde «Estupefacientes».

Na opinião de Gärtner o melhor dos seis é Rittau, o mágico inventor de todos os assombrosos trucs fotográficos de «Metropolis.»

*

Gärtner, pessoalmente modestíssimo, falou-me sempre mais dos seus amigos e colegas do que própriamente de si. «Imagine você, dizia êle, que ainda ha dois meses, encontrando por acaso Max Nosseck, discutimos a hipótese, agradabilíssima para nós, de trabalharmos juntos em qualquer próximo filme. Nada nos levaria a supôr que viriamos a realizar tão próximamente o nosso desejo». Gärtner divagou durante mais de dez minutos sôbre as qualidades inexgotáveis de Max Nosseck, em termos que tornavam insofismavel a sua enorme admiração pelo jóvem realizador que protestava de vez em quando com umas atitudes de cómico enternecimento em que é exímio. «Gado Bravo» será o segundo filme em que os dois amigos trabalham juntos. O primeiro, realizado por Max Nosseck e filmado por Gärtner, passou ha anos no Odeon com Dina Gralla e Vallery Boothby nos primeiros papeis.

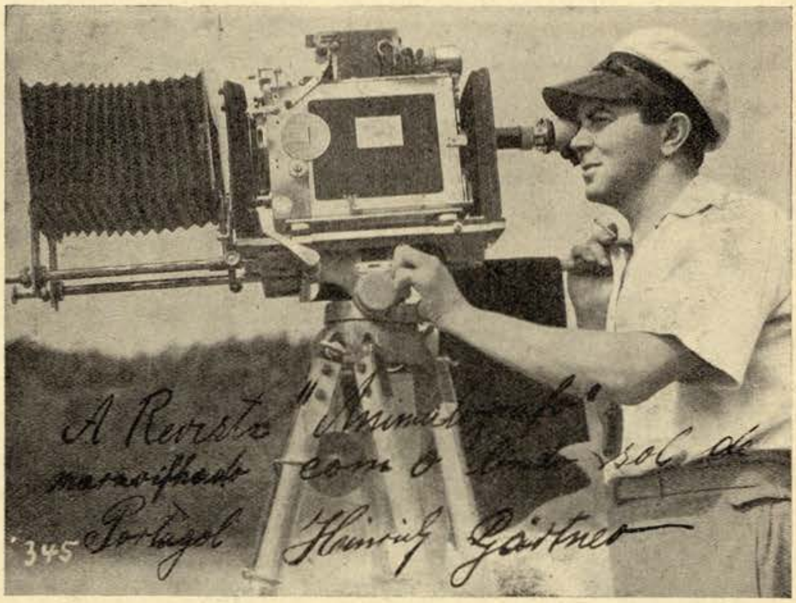
Gärtner que trabalha ha vinte e um anos no cinema, tem exercido a sua profissão em toda a parte do mundo, sujeitando-se muitas vezes aos mais duros ossos do ofício. Numa das vezes arriscou-se mesmo a partir os taes ossos durante uma perigosa ascenção que fez, suspenso por cordas, juntamente com a câmara, á torre de radio Nauen, a mais alta da Alemanha. Ainda bem que não lhe aconteceu nada. Não teriamos agora um operador completo para a filmagem do «Gado Bravo». Talvez interesse também ao sentimentalismo dos cinéfilos portugueses que ainda se apaixonam pelas estrelas, saber que quási todos os filmes de Lilian Harvey, incluindo o primeiro, foram filmados por Gärtner.

Gärtner que trabalhou com vários realizadores universalmente conhecidos como Lupu Pick, Paul Wegener, Werner Krauss e muitos outros, localizou quási exclusivamente o seu trabalho dos últimos anos ao serviço de Eichberg, com quem filmou o primeiro filme sonoro alemão, «Hay Tang», com Ana May Wong no primeiro papel

*

O nome de Gärtner que em alemão significa jardineiro tem-se prestado por vezes a lamentaveis equívocos. Conta êle que uma vez durante a realização dum filme dirigido por Eichberg, com Marta Eggerth no primeiro papel, foi necessário um grande ramo de rosas. O ramo que, não só estava murcho como ainda por cima tinha custado caríssimo, provocou uma explosão de mau génio da parte de Eichberg, sôbre o miserável jardineiro que o trouxera. Eichberg, depois de ter despejado tôda a espécie de insultos sôbre o infame «gärtner» gritou-lhe ainda que o correria a pontapés se insistisse em olhar para êle com cara de parvo. Gärtner, o verdadeiro Gärtner que vinha a entrar nêsse momento e ouviu tudo, retirou-se tranquilamente para casa convencido de que estava despedido e sabendo de antemão que qualquer discussão com o violento Eichberg seria inútil.

Em Portugal, Gärtner pode estar descançado quanto á probabilidade de provocar mal entendidos com o seu nome. Para nós Gärtner será um nome inconfundível e único que todos os cinéfilos portugueses hão-de fixar.



Heinrich Gärtner ofereceu esta foto dedicada a «Animatógrafo». Para vos facilitar a leitura reproduzimos em letra redonda o autógrafo. « A' Revista «Animatógrafo», maravilhado com o lindo sol de Portugal».



Gärtner no momento da sua chegada a Lisboa ao lado de Nita Brandão e Olly Gebauer

INTÉRPRETES

Uma das maiores dificuldades da realização cinematográfica é, sem dúvida, a escôlha e o aproveitamento dos intérpretes. E' na interpretação que convergem em última análise todos os problemas anteriores. Os intérpretes, que muitos pretendem considerar elementos secundários da mesma ordem de todas as outras coisas necessárias à composição das imagens, são realmente a matéria essencial do fotodrama, o modelo preferido pela câmara, — êsse escultor genial de estátuas vivas. O intérprete, que é o homem, em tôda a sua sensibilidade e em tôda a sua inteligência, é que marca, como diz André Imbert, la mesure du cinéma *— o compasso, a medida do cinema, na acepção duplamente musical e matemática do termo.*

Já disse mos aqui, com Jean Epstein, que no cinema não há natureza morta. O animatógrafo confere aos objectos que observa, e que retem na superfície sensível da película, um poder anímico que os faz agir dentro da acção do filme como verdadeiras personagens. Mas o seu mundo é presidido pelo Homem, que o constroi, utiliza e aniquila, do alto da sua serenidade inteligente.

O intérprete de cinema é, digam o que disserem, o colaborador mais precioso do realizador. Nele se reflete o génio ou a mediocridade de quem o dirige; é êle quem transmite ao público passivo a ideologia e as paixões que o cineasta quis transpor para o écran. Por isso a sua tarefa é tão ingrata e difícil; por isso as gentes, que são justas quando obedecem cegamente ao instinto, o deificam e idolatram, decorando-lhe o nome e interessando-se pela sua carreira e atribulações.

Vem nos livros que representar para o cinema é muito diferente de representar para o teatro. No palco o actor tem os espectadores ao alcance da sua voz e do seu gesto, a um nível e a uma distância constantes; no set *o actor precisa de graduar a sua actuação segundo a posição caprichosa da máquina, de tal forma que os pedacinhos de drama que êle vive nas mais diversas e enervantes condições possam formar depois, uma vez concluída a operação delicada da montagem, um todo equilibrado, uno, que lhe confira no decorrer ao filme uma nítida e uma só personalidade.*

Avalia-se a dificuldade e o valor de tal desdobramento. Pela mesma porta em que o actor entrou para beijar a noiva é obrigado a entrar cinco minutos depois para a repelir ou matar. E é possível que, depois de a ter assassinado, seja necessário que entre outra vez sorrindo para beijá-la outra vez... Mas não é raro o exemplo dum bom actor de teatro ser também um bom actor de cinema. Isso não surpreende ninguém. Todos são bons, todos servem, todos podem triunfar, se lhes corre nas veias êsse fluido vibrátil, anormal, que se distingue do resto dos mortais o verdadeiro artista. — ANTÓNIO L. RIBEIRO

Panorâmica

Desenhos animados

Revista de propaganda cinematográfica, «Animatógrafo» não podia deixar de assinalar, na sua página *oficial*, que é esta, o advento dum dos mais admiráveis progressos de todos os que até hoje se registaram na história do cinema: os desenhos animados a côres, que a Agência H. da Costa apresenta com o programa do «Testamento do Dr. Mabuse».

São os primeiros da nova série que Walt Disney, o artista prodigioso, realiza para os United Artists, e intitulam-se *A Bruxa da Floresta* (Babes in Woods). E' um autêntico conto de fadas animado, duma graciosidade de movimentos e duma frescura de côres que impressiona as almas menos sensíveis.

Os primeiros desenhos animados em que a côr apareceu timidamente foram os que abriam o *Rei do Jazz*, e em que se via Paul Whiteman domar um lião ferocíssimo com o feitiço das suas melodias. Entre êles e *A Bruxa da Floresta* existe uma distância tal que não é possível qualquer comparação. *A Bruxa da Floresta* inicia-nos num mundo novo de encantamento e de beleza, em que a vista e o ouvido do espectador são lisonjeados da mais artística maneira. Parecem aguarelas inglesas, daquelas que ilustram as edições preciosas de Edimburgo, animadas por um Prometeu espirituoso e genial.

Siegfried Arno

A bordo do «Massília» e vindo de Paris, chega nesta terça-feira a Lisboa o grande artista alemão Siegfried Arno, que é, sem contestação, o melhor actor cómico europeu. Como é sabido, Siegfried Arno, que vem acompanhado de sua espôsa, desempenha um dos principais papéis de «Gado Bravo», primeira produção do Bloco H. da Costa.

«Animatógrafo», que tem por êle a maior admiração e a mais franca simpatia, saúda-o à sua chegada a Portugal, onde Siegfried Arno vem pela primeira vez.

Correio de Paris

Conforme noticiámos, publicamos hoje o primeiro «Correio de Paris» expressamente escrito para a nossa revista pelo ilustre crítico de cinema Nino Frank, justamente considerado hoje um dos mais inteligentes jornalistas franceses e aquele que melhor surpreende e replica o que é o verdadeiro cinema. O seu sentido cinematográco, que se avantaja ao dos maiores críticos europeus e americanos, é, sem falar noutras, umas das qualidades que melhor o destinguem.

Da sua tribuna do «Pour Vous», de que é redactor, e nas suas secções do grande semanário literário «Marianne» e no quotidiano «Intransigent» é êle sempre o primeiro a dizer a verdadeira verdade acêrca dos filmes para que a sua atenção é solicitada e mesmo de todos os problemas que com a questão cinematográfica se prendem.

O seu estilo vivo e persuasivo, é o melhor argumento das suas razões e só por êle quási vale a pena lêr os seus artigos tão brilhantes e ao mesmo tempo tão profundos.

«António»

O nosso camarada António Botto ofereceu-nos há dias um exemplar de «António», a sua obra mais recente.

«António» é uma novela dramática presumidamente extraída de uma antiga tragédia grega». «António» êsse dum trago como dum trago se bebe um copo de veneno. Escrita com a elevada elegância que o autor põe sempre nas suas composições, «António», que o nosso camarada insiste em classficar de simples novela, marca uma atitude inesperada e inédita no teatro português, pela teoria singular que defende e pelo desassombro artístico e intelectual com que foi exposta.

António Botto sabe como ninguem ser insinuante e artista. As suas obras duma aparente singeleza têm sempre um fundo de exaltação e um perfume que constrange os espíritos verdadeiramente sensitivos que o lêm.

Como apresentação gráfica e riqueza de material, «António» é uma segunda obra de arte, rivalizando com as melhores edições especiais estrangeiras, sem receio de ser vencida.

Precede a novela dramática uma carta de Guerra Junqueiro onde o glorioso poeta escreve palavras que definem insofismávelmente a desmedida admiração que lhe mereceu o artista e a sua obra.

Acompanha também o livro de António Botto um notável estudo crítico assinado por um dos maiores nomes da poesia modernista contemporânea: Fernando Pessôa.

Agradecemos ao nosso amigo e colaborador a oferta gentil do seu delicioso livro e principalmente o prazer que a sua leitura nos deu.

Crisma

A Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm decidiu encurtar consideravelmente a sua razão social que, em boa verdade, parecia um comboio de mercadorias. Passa a chamar-se apenas Tobis Portuguesa, designação que já lhe era dada correntemente pelos que dela se ocupavam, na conversa ou na escrita.

Agora, que já está resolvido êsse problema, vai começar a fazer filmes.

Técnicos

Corre com insistência um boato que assegura que a Tobis Portuguesa vai contratar o operador Carl Hoffmann para dirigir a filmagem da «Canção de Lisboa».

Verificamos com júbilo que começa a generalizar-se o são critério de trazer a Portugal técnicos competentes que possam habilitar o pessoal indígena. E' o método mais seguro de criar um grupo de profissionais, a que possa confiar-se obra de vulto e avultadas somas sem perigo de fiasco ou de ruína. Preferível mil vezes ao de mandar estudar lá fóra, com mais despesa e menos resultados, os portugueses de bôa vontade. E isso porque uma coisa é aprender em terra de recursos, onde há todo um equipamento aperfeiçoado que facilita o trabalho, e outra o aprender a realizar *chez soi*, com a prata da casa, o que é indispensável que se aprenda.

Carl Hoffmann, que já esteve em Lisboa e ficou sendo um nosso grande amigo, é, sem dúvida alguma um mestre idóneo e amável.

Se êle vier mesmo, teremos em Portugal dois dos melhores operadores do mundo: Hoffmann, uma autoridade em tomada de vistas de interiores, e Heinrich Gärtner, que já cá está e que é o melhor operador de exteriores da Europa.

Note-se que, tanto a «Canção de Lisboa» como «Gado Bravo», decorrem quási inteiramente em exteriores.

Raul de Carvalho

Pode considerar-se definitiva a escôlha de Raul de Carvalho para intérprete da primeira figura masculina do filme «Gado Bravo».

Excelente actor de teatro, Raul de Carvalho tem a verdadeira paixão do cinema, onde tem desempenhado várias vezes papéis que não estão à sua altura.

O primeiro filme que interpretou foi «O Fado», ao lado de Angela Pinto e Eduardo Brazão, para a Pátria Film. O último — «A mulher que ri», versão portuguesa dirigida por Alberto Cavalcanti para a Paramount, de Paris.

O filme era mau, o diálogo inferior, o papel insignificante. Pois a-pesar de tudo isso, Raul de Carvalho conseguiu chamar a atenção sôbre a sua pessôa, tal como acontecera na «Canção do Berço», onde as premissas não lhe eram mais favoráveis.

Agora, que pela primeira vez lhe vai ser confiado no cinema um papel de verdadeira importância em que um bom actor como Raul de Carvalho tem mil e um ensejos de brilhar, estamos certos que não tardará em que se transforme no ídolo das cinéfilas portuguesas, conquistando a admiração de tôda a gente.

Cláusulas Bizarras
dos contratos de Hollywood

por GUEDES DE AMORIM



Maurice Chevalier está proibido de perder o seu sotaque francês...

Vivemos na época dos grandes assuntos. Mais ou menos, através dos tempos, sempre assim sucedeu. Um instante, ou uma mósca, muitas vezes, constituiram, para êste estudioso ou para aquele sábio, um problema de vulto. Hoje, por exemplo, todos nós temos a nossa atenção absorvida por isto ou por aquilo, por esta quimera ou por aquela miragem, em suma por assunto importante. E eu volto a insistir : sempre assim sucedeu, sempre qualquer mortal conduziu dentro de si uma ânsia de impossível realidade. Isto é exacto. Mas há a acrescentar que, no nosso tempo de viagens vertiginosas, tudo que é impossível se tornou possível. E êste paradoxo é fácil, bem fácil até, de explicar, como seria fácil informar o nosso vizinho da hora exacta de Londres, à mesma hora, dentro dêste caixilho poeirento e secular de Lisboa. Com mais vertigem e claridade. As maiores distâncias, quando se vencem de avião ou nas asas invisíveis da telefonia sem fios, ficam anuladas, ou melhor, esmagadas. Conclusão : Tudo quanto era impossível, dentro das outras épocas, ficou sendo possível no nosso século maravilhoso. E daí, eu ou o outro, o meu amigo ou o meu conhecido, ambicionar a vitória sôbre todas as hatitudes, pensar legitimamente na posse e discussão de todos os grandes assuntos. Tudo é possível, tudo é possível. E, visto que eu admito e pratico esta indestrutível verdade, resolvi uma destas últimas tardes pôr em prática uma das minhas maiores e mais acarinhadas ambições.

Vocês não falaram nunca, directa e telefonicamente, com Hollywood ? Declaro-lhes, antes de mais nada, que esta era a minha ambição maior dos últimos dias do doirado começo de Maio. Enchi-me de coragem, tentei o António Lopes Ribeiro, discuti o preço do telefonema — e falei. Era esta a minha maior ambição e — francamente — era e é Hollywood o meu grande assunto. Grasnaram as campaínhas, registaram-se os inevitáveis silêncios, e, volvido um insignificantíssimo quarto de hora, António Moreno, o célebre galã dos filmes de aventuras, atendia-me, respondendo às minhas impertinentes preguntas, prontificando-se a dar realidade às minhas interrogações.

Três semanas mais tarde, o carteiro, com aqueles ares suaves que todos nós conhecemos em qualquer carteiro, batia à minha porta e, entre diversos jornais entregava-me uma espístola, tatuada com o carimbo da capital do cinema americano, que me surpreendeu e me encantou.

António Moreno, respondendo às minhas preguntas anteriores, confessava-me, escondendo por injustificada modéstia a sua posição, quais as torturas mais pungentes e singulares que inquietavam e inquietam os modernos triunfadores de Hollywood.

Eu vou revelar-lhes a vocês essas torturas maiores das celebridades hollywoodenses. Supõem, acaso, que se trata de conflitos morais e sentimentais ? Nada disso. Não, não adivinhavam, se eu quizesse torturá-los com uma interrogação misteriosa e traiçoeira. Eu próprio, se não houvesse colhido de tão boa fonte tais esclarecimentos, por certo me obstinaria numa dúvida, tão inconveniente, como demorada.

António Moreno, através da sua carta, declara-me : «A actual e maior tortura dos «astros» e «estrelas» de Hollywood são as clausulas que os directores das companhias produtoras os levam a assinar.

Isto é verdade. Vertendo aqui as informações amáveis de António Moreno, ficámos a saber que : O contrato de Buster Keaton, o famoso Pamplinas, lhe proíbe terminantemente de rir, ou sorrir sequer, em frente de uma máquina fotográfica; que Rita La Roy está proíbida pelo seu contrato com a «Radio» de voar de aeroplano ; que a Richard Dix, por uma clausula do seu compromisso de trabalho, tem o direito de escolher para os seus filmes, não só os seus *partenaires*, como também o enscenador e a família total dos seus colaboradores.

Só isto, primeiro que tudo, atormenta a vida dos «astros» e das «estrelas», levando-os, muitas vezes, a decepar com uma simples infracção um bom contrato, um maravilhoso e triunfante caminho profissional.





...e Lily Damita foi obrigada por Samwel Goldwin a perdê-lo. — Ramon Novarro tem licença para aparecer no teatro e dirigir filmes

Mas a lista continuava, as revelações continuam: O Wallace Beery, que vocês conhecem bem, só pode trabalhar dentro das horas regulamentares. E, por tais motivos e obrigações, esteja em que alturas estiver, o seu trabalho de filmagem, êle abandona automaticamente o estúdio. Esse Ramon Novarro, o senhor e dono da atenção da «Venus da Costa do Sol» e de tantas outras raparigas de todas as «costas», tem apenas o direito de fruir um curto tempo de férias, podendo utilisá-lo para aparecer em qualquer palco ou dirigir qualquer filme que lhe aprouver.

Claro, que há rosas em Hollywood, mas nem sempre se estendem tapetes de pétalas diante de cada artista. Assim, a Lili Damita, que Lisboa viu em menina no Chiado e mais tarde encontrou no *écran* do S. Luis, ao entrar na América, contratada por Sawel Goldwyn obrigou-se a perder o *accent* francês no espaço de seis mêses, sob a ameaça de perder o contrato. Venceu. Triunfou. Mas actualmente é-lhe absolutamente vedado revelar o país onde nasceu, o nome dos pais, a idade exacta e a côr exacta do seu cabelo...

Continuando, Greta Garbo e Ronald Colman, pela voz autoritária e inapagável dos seus contratos, estão dispensados de aparecer em público nas *premiéres*, quando o pretendam.

Há também uma clausula no contrato de Greta segundo a qual é proíbido, mesmo ao departamento de publicidade, de a importunar com chamadas telefónicas.

O Maurice, o «irresistível» Maurice — o eterno rei da sorte — está autorizado a escolher, caprichosamente, a *leading lady* para os seus

(Conclúi na pag. 16)

As estrêlas andam à sôlta

Inconfidências confidenciais de DOROTHY MANNERS



Mary Bryan acabou o namôro com Charles Buddy Rogers...

Os romances de Hollywood estão fóra das vidas puras e vulgares.
Algumas das mais picantes estrelas vieram do estrangeiro e estão agora na bérra.
Pela primeira vez há muito tempo existe uma verdadeira inflacção e romances amorosos.
Ha dois anos atrás Hollywood era uma cidade sensaborona, de gente casada, em que se faziam bolos caseiros, em que se jantava em casa, e se ia para a cama às dez horas em ponto. Mas agora, porém, a cidade obteve o divórcio e está levando uma existência alegre e movimentada de jóvem divorciada! ...
A lista dos telefones voltou a ser consultada com extraordinária frequência... Halchester, o famoso florista, não tem mãos a medir para satisfazer as encomendas. Jimmy, o *maître d'hotel* do Cocoanut Grove, de novo voltou a ter que reservar românticas mesinhas para *duas pessoas*... Voltaram os dias de festa e as noites animadas... ao menos para darem que fazer aos jornalistas gulosos dos «potins» audaciosos.





Mirna Loy está noiva de Ramon Novarro e Johnny Weissmuller roubou Lupe Velez a Gary Cooper

A separação deve ter sido um triste passo para Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jor. (sobretudo para Douglas), mas a verdade é que êsse acidente fez com que se voltasse a vêr, como outrora, Joan dançar, com uma gardenia vermelha na mão, na sala do Cocoanut Grove, seguida pelos olhos sorridentes e ávidos de Franchot Tone; ou ainda, para permitir a oportunidade de ela dançar o tango nas tardes de domingo, no Salão Vermelho do Beverley Wilschire Hotel, com Ricardo Cortez ou com um jóvem desconhecido que, a ajuizar pelas gargalhadas sonoras de Joan, deve ser um rapaz engraçadissimo.

Com Douglas Jor. não se dá o mesmo. Diz-se à boca pequena que êle passa todo o tempo disponível ao telefone, procurando uma reconciliação com a sua fugidía ex-esposa. Douglas deixou de frequentar os lugares de prazer ainda que a ocasião para se divertir fôsse a mais oportuna, livre como está de qualquer compromisso.

A unica vez que o vimos, desde a sua separação de Joan, foi apenas durante a hora de jantar do Beverley Wilschire, no grupo formado pelos esposos M. C. Levee e uma linda rapariga loira e desconhecida. Pelo ar triste com que dançou com ela, viu-se claramente que a jóvem era, ao contrário do que poderia supor-se, das relações do casal Levee e não de Douglas.

O divórcio de Janet Gaynor e Lydell Peck poderia parecer, à primeira vista, ter sido um meio excelente para libertar e pôr Janet à vontade. No entanto deu-se o contrário. Foi Lydell afinal quem ganhou com essa separação. Por toda a parte e a toda a hora se vê o ex-esposo da dôce Janet acompanhado por Catherine Dale Owen. Pode-se vêr nisto o reatar dum antigo romance, porquanto Lydell, muito antes de se ter casado com Janet, estivera já noivo de Catherine. Por isso em Hollywood não causaria extranhesa a notícia dum próximo enlace entre Lydell Peck e Miss Dale Owen.

Por sua vez diz se que Janet, logo que o seu divorcio fôr proclamado, não ficará por muito tempo solteira, pois que vários são os pretendentes que a acompanham, devidamente *chaperonnés* por Mrs. Gaynor e pelos esposos William K. Howard, seus amigos intímos.

Ora por muito estranho que isso pareça, Lydell contínua a ser uma das visitas mais frequentes dos Howard. Contudo, possivelmente de propósito, aqueles alternam os dias em que recebem Lydell e Janet, nunca ainda os dois esposos desavindos lá se tendo encontrado depois que vivem separados.

(*Conclui na página 16*)

Qual é a mais bonita lenda de Portugal?

Um inquérito que se destina a escolher o tema dum dos próximos filmes a realizar pelo

Bloco H. da Costa

A crítica cinematográfica e tôda a gente que, por interêsse ou falta de assunto, discute cinema, repete constantemente o famoso lugar comum do esgotamento que supõem existir na criação de argumentos para filmes. Essa convicção é absolutamente descabida não só porque a imaginação humana é uma fonte de teórica produção, infindável, mas ainda porque os motívos naturais: paisagens, lendas, *faits divers*, etc... andam pelo mundo fóra aos encontrões.

E' certo que se tem abusado vàrias vezes em cinema de assunto do género chavão, mais ou menos modificados ou simplesmente rializados doutra maneira. Acontece rialmente, quando vemos um filme qualquer, ficarmos com a impressão de já termos visto a mesma coisa no ano passado. Não podemos,no entanto,considerar êste caso como uma característica privativa do espectáculo cinematográfico. Pode acontecer a mesma coisa com um livro, um quadro, uma mulher ou uma peça de teatro.

A banalidade existe em todas as coisas. Sôbre isso não há nada a fazer.

Mas sustentamos que é, aínda e sempre, possível encontrar para cada novo filme, uma ideia conveniente e inédita, que satisfaça as exigências tirânicas do cinema.

E' um erro supôr que de qualquer assunto se póde fazer um bom filme. No cinema, como em todas as artes, as boas obras não são mais que exposição serena duma ideia. Da riqueza, da intimidade, da originalidade dessa ideia, depende em primeiro lugar o êxito do filme. Se os produtores se convencessem disso, veriamos muito menos filmes imbecis, em que a imajaria se sucede sem nexo e sem equilíbrio — sintomas indispensáveis à beleza.

Um dos princípios basilares que presidem à selecção de assuntos que servirão de tema às producões do Bloco H. da Costa, é êste: Fazer filmes sôbre argumentos escritos expressamente para o cinema.

Isso não quere dizer que se não adaptem ao écran alguns romances portuguêses, peças de teatro, etc. Mas a maioria será original.

H. da Costa lembrou-se de abrir na revista «Animatógrafo» um inquérito especíal com o fim de angariar argumentos portuguesíssimos para os filmes do Bloco.

Todos os leitores estão convidados a colaborar (interessadamente, de resto), nas nossas pesquizas.

Trata-se de saber qual será a lenda portuguesa mais interessante e mais susceptível de ser adaptada ao cinema. Portugal é um país velho e o seu povo marcou sempre pela sua interminável fantasia e pela sua avolumadora superstição. Em cada província, em cada cidade, em cada aldeia, há uma ou vinte lendas, histórias da caróchinha que habilmente concertadas poderão certamente servir para a rialização dum curioso filme português onde os nossos costumes, o nosso folklore e a nossa luminosa paisagem tenham largos pretextos para brilhar.

Não exigimos portanto aos nossos leitores um trabalhoso esfôrço de imaginação. Basta-lhes apenas talvez pedir ás suas velhas avós que lhes contem mais uma vez as histórias de bruxas e de moiras encantadas com que os entretinham na sua lnfância. Ouçam-nas atentamente, tentem em reproduzi-las em meia dúzia de linhas numa fôlha de papel e enviem-nas para a redacção de Animatógrafo.

Um juri, composto por algumas das principais individualidades do Bloco H. da Costa e dum consagrado crítico literário, tratará de julgar de maneira mais criteriosa, as respostas recebidas e distribuir de maneira mais justa os prémios oferecido por H. da Costa.

O juri é constituido por:

H. da Costa
M.me Buttuler de Costa
Max Nosseck
António Lopes Ribeiro
Francisco Alves de Azevedo

Cada leitor não tem mais portanto do que descrever-nos em poucas línhas, sem grande conversa, a melhor lenda da sua terra. Escusado será dizer que não nos interessam nada as conhecidas lendas que fazem parte da História de Portugal como por exemplo a história da Raínha Santa e das respectívas rosas ou a desaparição impressionante de El-Rei Dom Sebastião e o seu improvável regresso numa manhã de nevoeiro. Estão a perceber? Só nos interessam as lendas que não sejam absolutamente corriqueiras. E, com isto, ponto final por hoje. Vocês já sabem do que se trata. Ficamos agora pacientemente à espera das vossas interessantes respostas.

A lista dos três prémios que o Bloco H. da Costa estabeleceu para os três melhores lendas que pelos leitores de «Animatógrafo» nos forem enviadas, damo-la abaixo e êles valem bem pela sua importância, o pequeno, quási insignificante esfôrço, de reproduzir, de forma concisa, como atrás se disse, a lenda que lhes parecer mais interessante para o fim a que se destina a sua transposição cinematográfica.

Por isso, já sabem, não demorem as suas respostas, pelas quais ficamos esperando, interessadíssimos.

São instituídos três prémios; um para a lenda que fôr aprovada e que servirá de tema ao filme a produzir, e dois de consolação, para as que forem classificadas em segundo e terceiro lugar.

1.º prémio

500 escudos

2.º prémio

300 escudos

3.º prémio

200 escudos

CORREIO DE PARIS

Chuva de estrêlas

O cinema em França - Alguns filmes

por NINO FRANCK

A chuva de estrelas de Hollywood sobre Paris torna-se cada vez mais torrencial: Jeanette Mac Donald, Ramon Novarro, Pola Negri, Marlene Dietrich... E todas elas aproveitam asu a passagem por Paris para fazerem uma breve aparição no *music hall*. O reinado do dólar todo poderoso acabou; já se começa a gastar mais do franco papel. Sómente — e aqui é que está o *busilis* — o music-hall não se tem portado lá muito bem, mesmo nada bem. Por isso essas estrêlas não têm conseguido obter o triunfo para o qual, a acreditar-se nas tradições, elas foram feitas.

Há vedetas que chegam a Paris muito discretamente. Outras, menos. Jeanette Mac Donald aproveitou a sua passagem por Paris para processar um jornalista que publicara, a seu respeito, uma entrevista que tinha tanto de falsa como de grosseira. Infelizmente o caso não teve grande barulho. Mas Jeanette é bonita, ninguem o pode contestar, e os espectadores foram com muito prazer ouvi-la cantar ao Rex.

Para Ramon Novarro as coisas decorreram de modo assaz diverso.

A sua estrêla empalideceu em Hollywood, e em Paris tambem, embora um pouco menos.

A' sua chegada a Paris, Ramon saltou ao pescoço de toda a gente. Ofereceu recepções aos jornalistas, almoços, etc... — tudo isso com um pouco de exagêro.

Foi uma decepção. Novarro é aquilo?...

E' bom rapaz, mas isso não chega.



Dilema: Preferem Maurun O'Sullivan de saias...

Ficou se sabendo, de vez, que está longe de ser uma beleza rara, que engordou, que é um pouco ingénuo... Em resumo: quando, depois de se exibir na Costa Basca, veio exibir-se num *music-hall* parisiense, gentilmente, tôlamente, — quasi não lhe ligaram importancia.

A seguir, Pola Negri cantou no Alhambra.

Possui mais encanto e personalidade que Ramon, mas é uma atriz por quem o público parisiense não conseguiu nunca interessar-se. E os seus êxitos são hoje uma coisa tão antiga... Pola resolveu — para júbilo do público parisiense — dar um epilogo ao *sketch* judicial que representara com o pintor Beltran Massey; reconciliaram-se, e o artista recomeçou a pintá-la nos braços de Rudolph Valentino.

Os jornais falaram no caso, mas de nada serviu...

E agora, temos a Marlene: veste-se de homem, imita cada vez mais a Greta Garbo, e deve ir provavelmente, cantar em qualquer *music-hall*.

*

Tudo o que acabámos de dizer é para o grande público. O que se passa na verdade com o cinema francês?

Nada de notável; e se é sempre desagradável armar em Cassandre, não podemos deixar de verificar que o cinema atravessa, em França, um período bastante entristecedor — numa altura em que, pelo contrário, deveria desenvolver-se.

A gravidade da crise americana também afectou Hollywood. Conhecem-se os azares financeiros de certas firmas, como a Paramount ou a antiga Fox.

Diminuiram-se salários, despediu-se parte do pessoal, puzeram-se de lado — provisóriamente — todas as ambições de hegemonia na Europa.

Por outro lado, a Alemanha, em conseqüência dos acontecimentos políticos, adoptou uma nova linha de conduta cinematográfica: os novos géneros de filmes engendrados pelos «nazis» não convêm ao público francês, e as relações, mesmo as comerciais, entre franceses e alemães já não são excelentes.

Ora americanos e alemães eram os grandes fornecedores do cinema francês, vendendo com freqüência a preços que desafiavam toda a concorrência e oferecendo quási sempre mercadoria de boa qualidade. Os produtores franceses deviam aproveitar o enfraquecimento dêsses dois senhores do mercado cinematográfico: era a ocasião única de fazer com que as salas francesas começassem a projectar filmes franceses em maioria...

Não aconteceu nada disso: em vez de acordarem, os nossos produtores adormeceram mais, se isso é possível.

A falta de dinheiro que origina êsse estado de coisas provém exclusivamente da falta de confiança nos produtores, — a que se deve a teimosia com que nos dão filmes sem valor quer artístico quer comercial — e não no cinema, que cada dia oferece mais possibidades. O êrro principal consiste em basear a organização geral do mercado cinematográfico em ordenados astronómicos, em comissões fabulosas e uma abundância extravagante de despesas gerais.

Nos estúdios franceses trabalha-se pouco, mas as salas precisam, apesar disso, de novos filmes: e são ainda a América e a Alemanha que vêm em seu auxílio.

Apesar das suas dificuldades, êsses dois países continuam a ser os fornecedores patenteados do cinema francês.

Vimos a *Ilha do Dr. Moreau*. Que infantilidade!

Com a sua mania de julgar que com tudo se pode fazer um filme e que os «scenaristas» são todo poderosos, os americanos cometem êrros inqualificáveis: dum romance tão especial como o de Wells extraíram um filme em que se vêem homens-féras, uma mulher-pantera e um médico que é bastante cómico sem o querer. Esse filme, que deveria impedir-nos de conciliar o sono, fez-nos dormir no próprio cinema, durante a projecção.



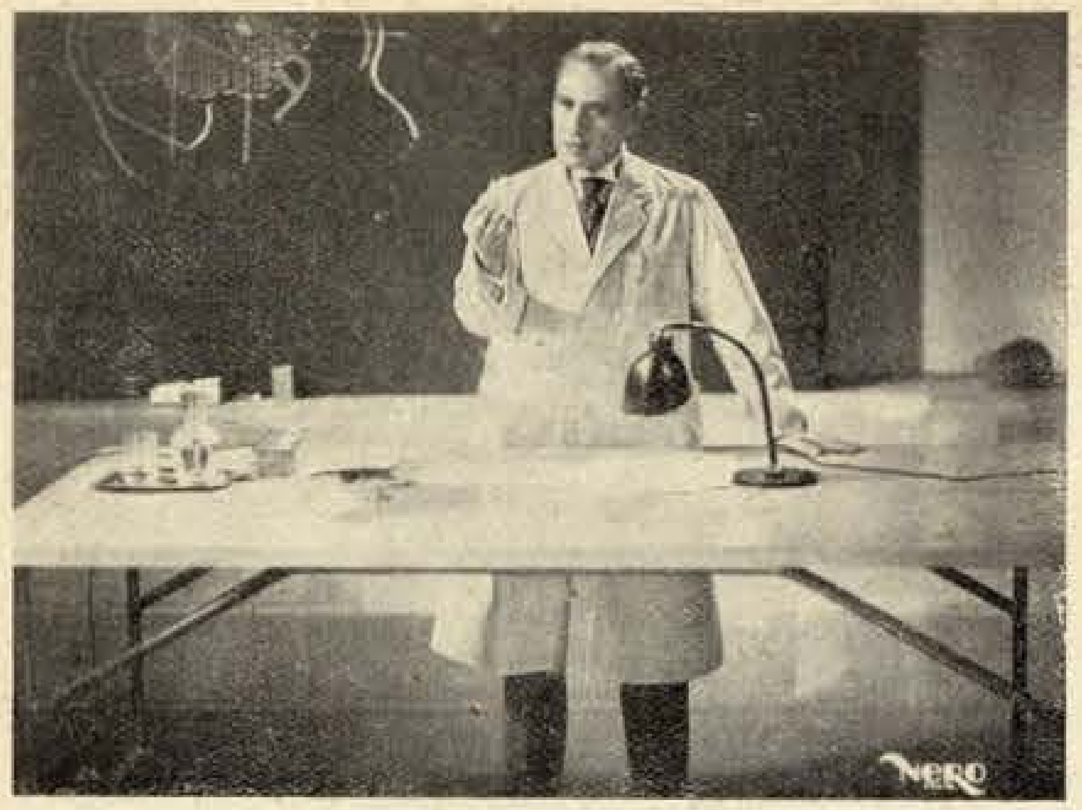
...ou de calças?...

Depois vimos *O Sinal da Cruz*, de Cecil B. de Mille, que consegue ser, talvez, o filme mais humorístico da época. *Quo-Vadis, Cabiria* e *Ben-Hur* são autênticas maravilhas, comparadas com êste fresco da Roma cristã, onde se fala com o sotaque e os gestos de Hollywood e onde, pela mais pequena ninharia, se recorre ao martírio dos liões no circo. Mas aqui, como na *Ilha do Dr. Moreau*, fez-se notar um actor de primeira ordem, Charles Laughton, um gorducho de olhos hipócritas.

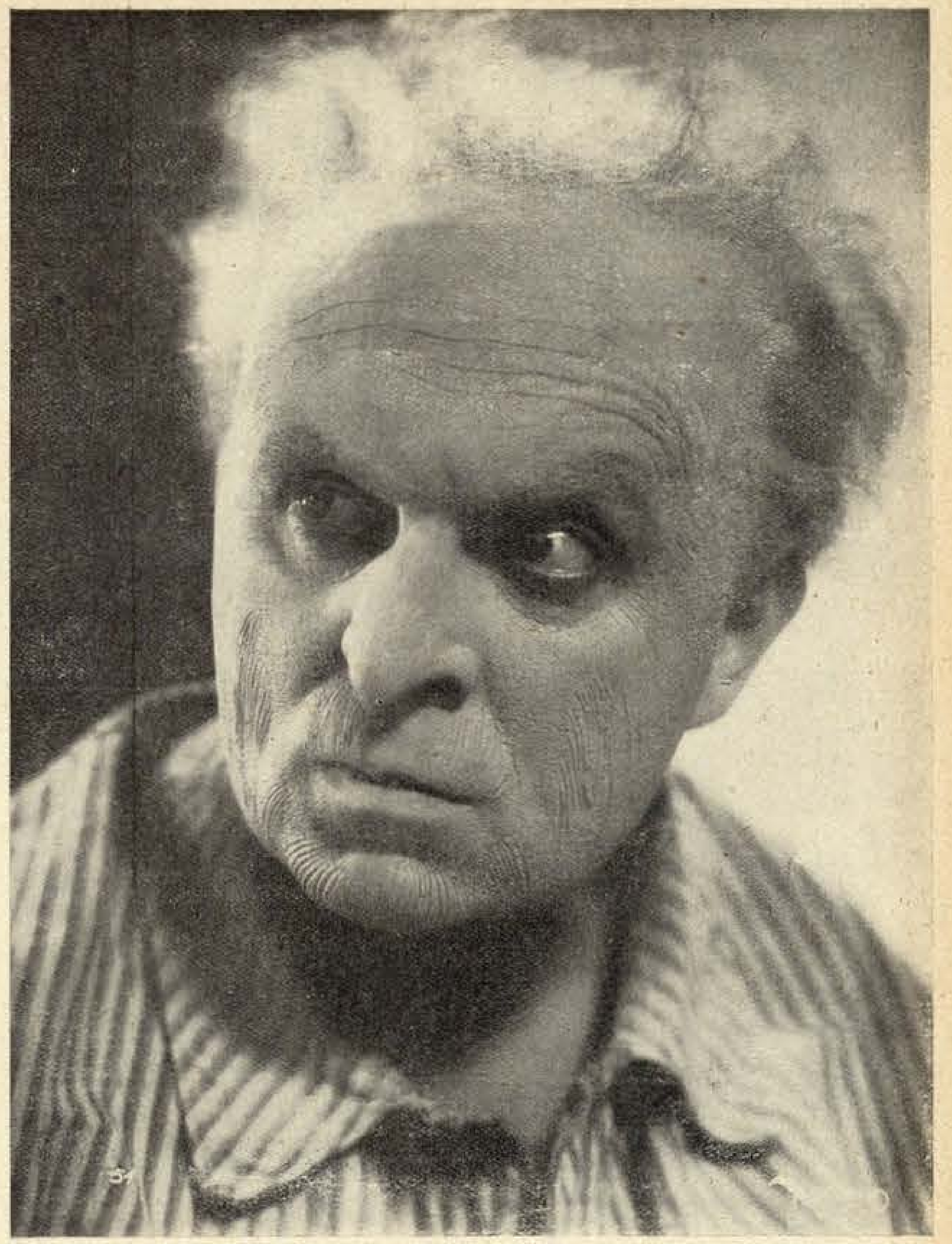
Encontrâmos êsse mesmo Laughton em *Se eu tivesse um milhão!* um dos grandes e mais recentes êxitos do cinema americano. Esse filme, que se compõe de vários sketches de diferentes autores, foi supervisado por Ernst Lubitsch e o próprio Lubitsch fez *Trouble in Paradise*, que se estreará aqui dentro de dias e que é uma obra cheia de espírito.

Lubitsch é dos que conseguem salvar da estupidez o cinema americano: e é alemão...

E temos agora alguns filmes franceses. Um grande e merecido êxito: *Theodore & Cie*, realizado por Pière Colombier e interpretado por Raimu; é uma esplêndida farsada que não tem pretenções a ser uma obra prima mas simplesmente uma obra cómica. E é-o de fórma excelente, ri-se do princípio ao fim. Outro tanto se pode dizer de *La Mille et Deuxième Nuit*, que é no entanto um filme sério: aqui trata-se de humôr involuntário — e dum luxo vão, dum orientalismo de fancaria e com intérpretes bastante grandiloquentes. *La Fusée*, onde Firmin Gémier fez a sua estreia de super-visor, é menos alegre. E *Nu comme un ver*, o último filme de Milton, faz-nos uma vez mais lamentar que êsse tão talentoso actor não encontre argumentos e realizadores que se adaptem ao seu temperamento.



O TESTAMEMTO DO DR. MABUSE



O último filme de Fritz Lang é decerto uma das suas mais brilhantes realizações. O que não há dúvida é que «O Testamento do Dr. Mabuse» é o melhor argumento de todos os que Théa von Harbou tem imaginado para o cinema, confiando-os à ciência cinematográfica de seu marido Fritz — porque a arte de Fritz Lang é uma verdadeira ciência.

Em 1922, Thea von Harbou extraíu dum romance de Norbert Jacques um filme que Fritz Lang realizou e que se intitulava «Dr. Mabuse, o jogador». A figura do protagonista impressionou de tal maneira o público, que Thea von Harbou (confessava-nos em Berlim, em 1929) sempre aspirou ressuscitá-la no ecran. Só agora o fez, – na melhor oportunidade, rodeando-a de todos os elementos (Eisenstein diria *atracções)* que poderiam favorecer semelhante evocação.

Para darmos aos leitores de «Animatógrafo» uma ideia do enorme interêsse que desperta no espectador mais desatento êsse prodigioso filme, vamos narra-lo de particularíssima forma:

AS PERSONAGENS

O Comissário Lohmann, que nos foi apresentado em *Matou!*, personificação do polícia inteligente e humano, valente e prudente, equilibrado e hábil *(Otto Wernicke)*.

O professor Baum, médico alienista, apaixonado pelo caso psiquiátrico do Dr. Mabuse *(Oskar Beregi)*.

O dr. Mabuse, o criminoso genial, que só escapou à fôrca por ter sido internado num manicómio *(Rudolf Klein-Rogge)*.

Hofmeister, a melhor esperança de Lohmann, perseguido pelo mêdo e pelo crime *(Karl Meixner)*.

O engenheiro Thomas Kent, o homem que matou a amante e aquêle que julgava ser o seu melhor amigo, e se revolta contra o chefe da quadrilha de que faz parte *(Gustav Diessl)*.

Lilli, a noiva de Thomas Kent *(Wera Liessem)*.

O dr. Kramm, o homem que encontrou primeiro que ninguém o fio da meada, — e que por isso foi assassinado *(Theodor Loos)*.

Müller, o tímido e fiel secretário ne Lohmann *(Klaus Pohl)*.

Winkler, o criado do dr. Baum *(John George)*.

Hardy, o assassino temerário, que não consente que ninguém se renda, chefe da secção II B *(Rudolf Schündler)*.

Bredow, o *chauffeur*, que ajuda Lohmann a deslindar o enigma da pistola *(Paul Oskar Hocker)*.

Kentzki, o homem do chapeu de côco, medroso e hesitante *(Theo Lingen)*.

Gregoriew, ladrão de joias, o homem do pijama às riscas *(Hadrian Maria von Netto)*.

A Ana das Joias, amante de Gregoriew *(Camilla Spira)*.

O Dr. Hauser, o homem do palhinhas grosso, encarregado da secção III, especialista em assaltos a bancos e falsificação de assinaturas *(E. A. Licho)*.

O litógrafo *(Paul Henckels)*

O tipógrafo, *(Henri Pless)*.

O enfermeiro, *(Karl Platen)*.

O ARGUMENTO

Com a voz entrecortada pelo terror, Hofmeister telefonou à polícia:

— Pelo amor de Deus, quero falar ao sr. Comissário Lohmann!... É uma questão de vida ou de morte!...

O fidelíssimo Müller hesitou.

— O sr. comissário não está. . Foi para o teatro...

Lohmann impacientou-se.

— ...e manda-o para o diabo! E desligou.

Mas, primeiro a campainha, depois a voz, insistiram nervosamente.

— Está lá!... Pelo amor de Deus, quero reabilitar-me! É indispensável que eu fale ao sr. comissário! Descobri uma coisa horrível!...

Lohmann deixou-se comover.

— Deixe-se de pièguices. Hofmeister! O que se passa?

Hofmeister não chegou a dizer o que se passava. Através do fio telefónicoouviram-se gritos e detonações. Um tiro. Dois tiros. Outros dois tiros.

Depois — o silêncio.

Hofmeister desapareceu. O tapete estava repuxado na direcção da janela. E numa das vidraças havia uns riscos, como se fossem feitos pela pedra dum anel.

De pernas para o ar, lia-se perfeitamente uma palavra:

MABUSE

1920-21. Dr. Mabuse, por alcunha «O Jogador». Um caso estranho. Um médico de génio, que fazia do crime um apostolado, que aspirava dominar o mundo pelo terror, aniquilando friamente a humanidade.

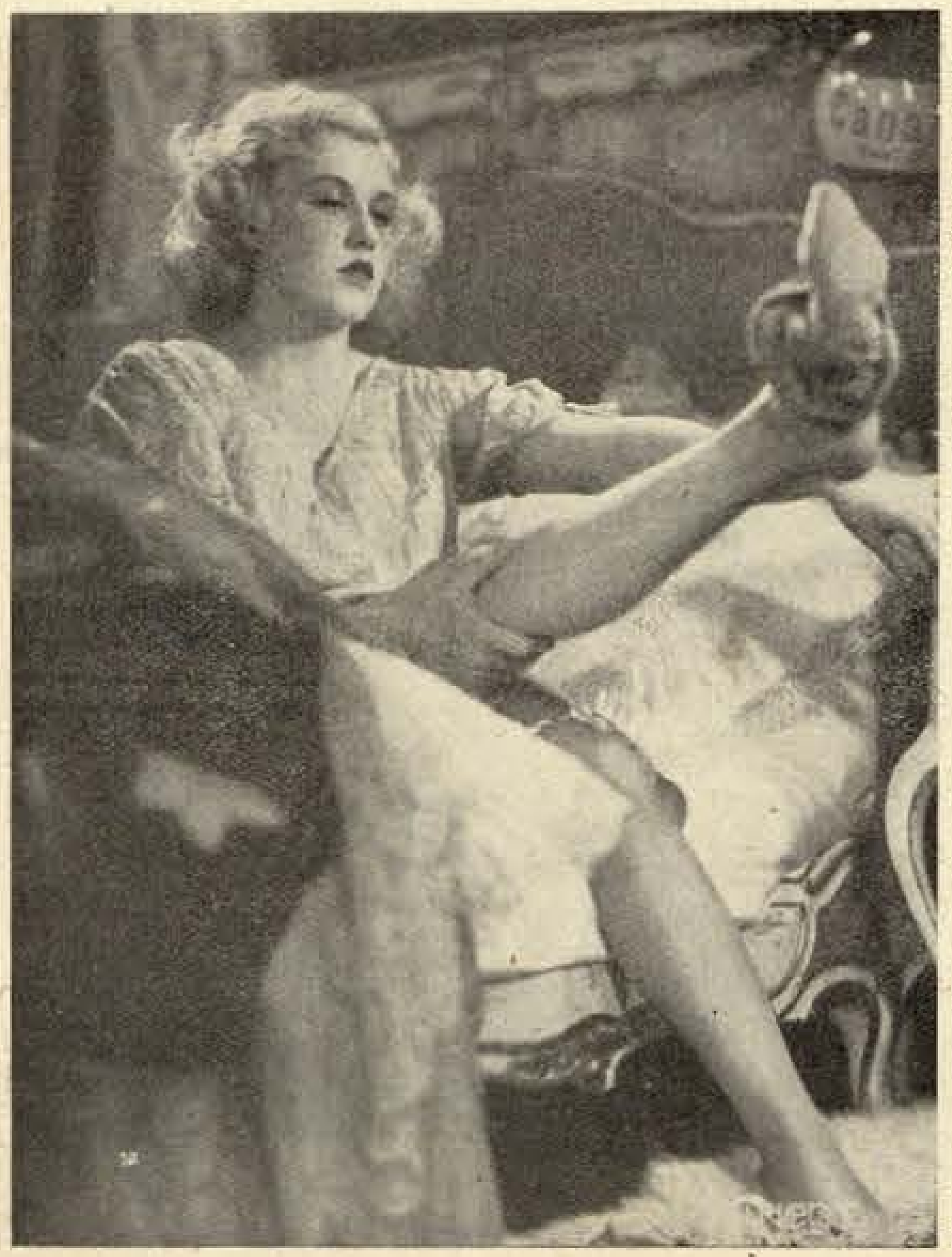
Perseguido pela policia, endoidecera.

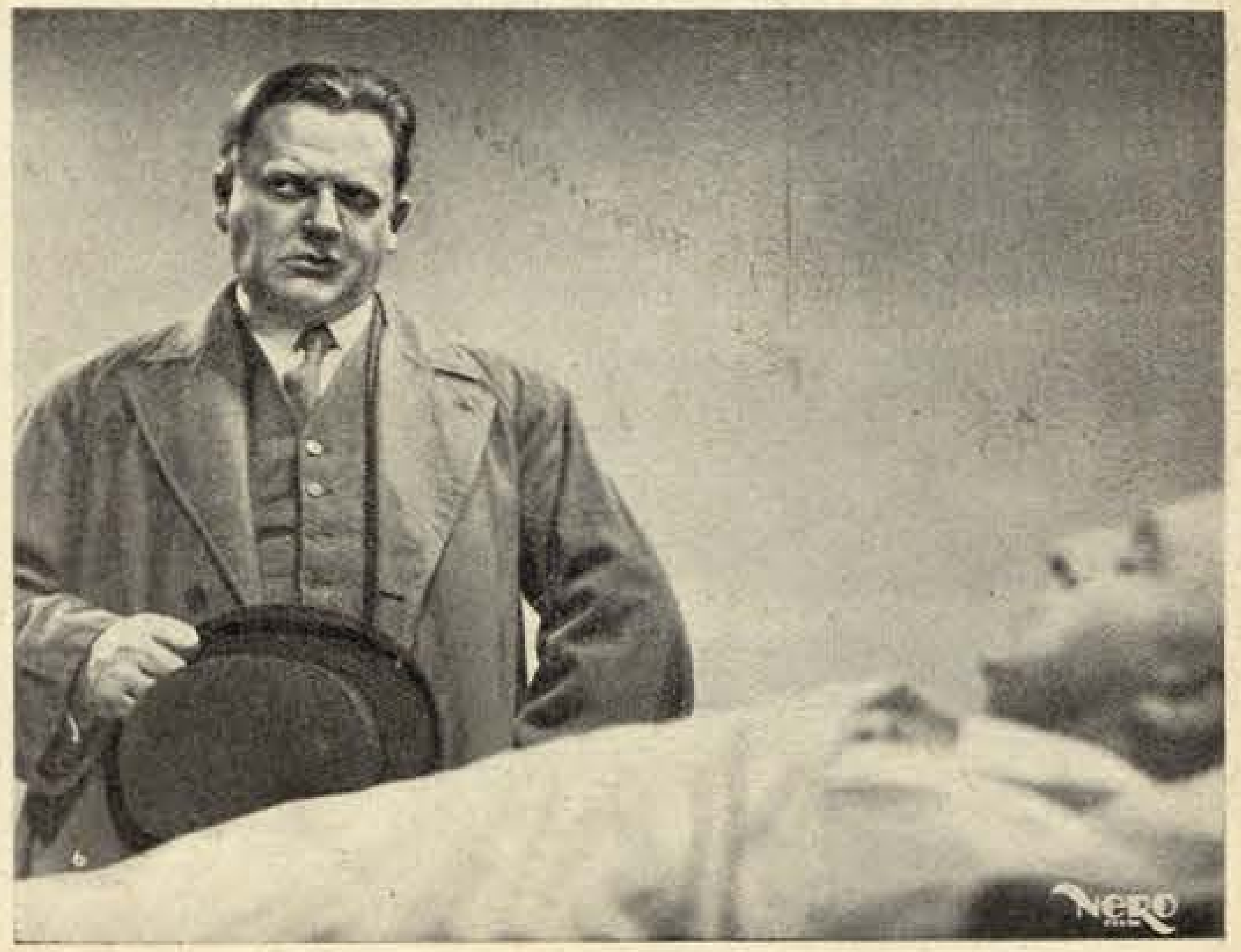
Internado havia 12 anos no manicómio do Dr. Baum, nunca mais pronunciara uma palavra. Escrevia ininterruptamente, apontamentos, indicações exactas, cuidadas até ao mais infimo pormenor, sôbre organisação e consumação de crimes. Era...

O TESTAMENTO DO DR. MABUSE.

Na cidade passavam-se coisas espantosas. Assaltos a joalharias,

(Conclui na página 17)









Os cómicos VII

Mieux est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme

RABELLAIS

Verifiquei com espanto que já tinha uma literatura completa sôbre Harold Lloyd. E como a lei do menor esfôrço é tão respeitável como a lei da gravidade, resolvi iniciar o meu estudo sôbre o primeiro, dos três maiores, estudos que projecto extenso, com a transcrição dum trecho aparecido no *Diário de Lisboa* em 1928 e dum artigo que o *Notícias Ilustrado* publicou, e que considero certos a ponto de merecerem segunda edição.

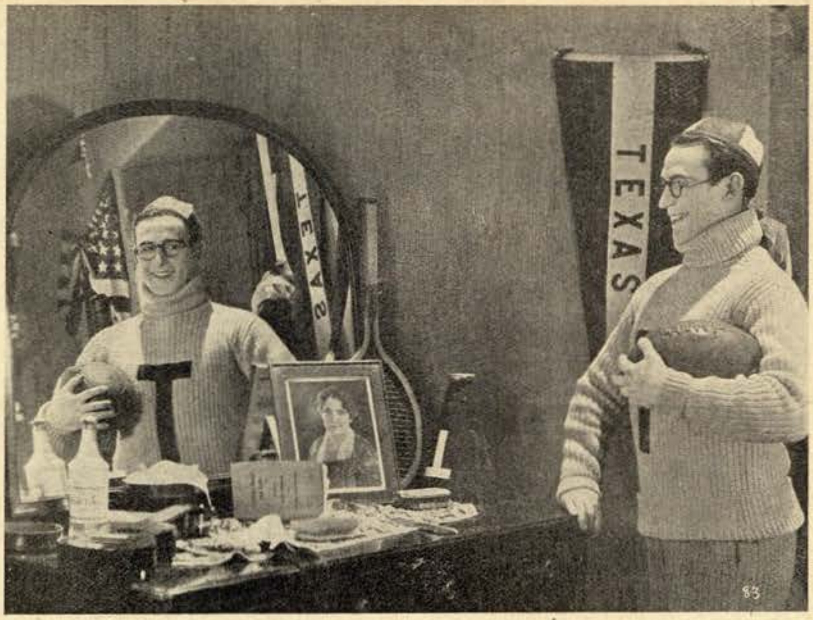
As impressões que cada figura cómica me provoca e que tenho buscado transmitir ao papel, são de sempre. Aí têm as que Harold Lloyd me sugeriu primeiro:

Sempre que se trata de cómicos cinematográficos, é costume falar-se de Charlot. Não seria eu que evocaria o nome de Charlie Chaplin, o maior de todos, para estabelecer quaisquer paralelos, fosse com quem fosse, muito menos para com êle comparar um actor cuja única pretensão — elevada e nobre missão essa! — consiste em fazer-nos rir, de bom grado, não despertando em nós o inexplicável e bestial instinto de nos rirmos da desgraça alheia, como Chaplin, mas criando situações ratonas, imprevistas, de que «Ele» é o primeiro a rir, quando passadas.

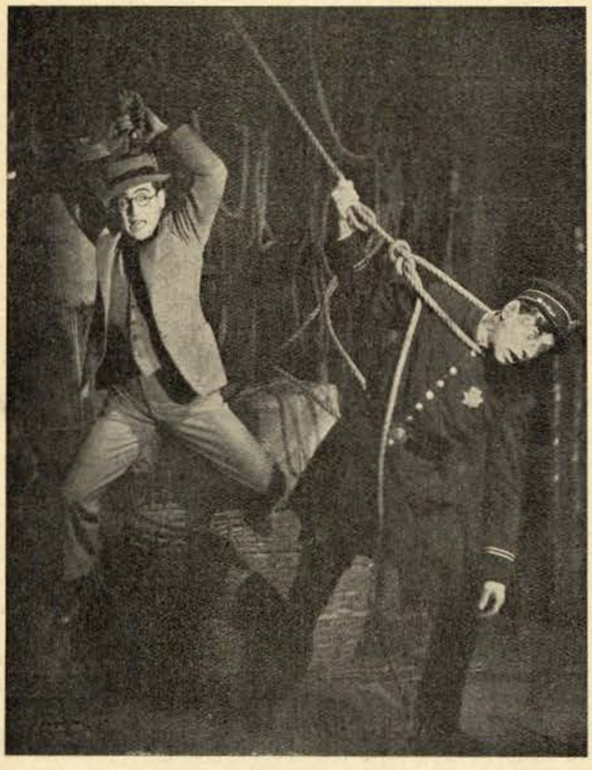
E' inevitável porém que, tratando de Harold Lloyd, eu me veja obrigado a alinhar as sete letras imortais: CHARLOT, pois foi Charlot que Harold pretendeu imitar, como tantos outros, no início da sua carreira, em 1914. Denominava-se então «Lonesome Luck» e desde as botas cambadas e divergentes ao côco velho, símbolo duma miséria envergonhada e digna, tentava arremedar o deus da tela — em vão, sempre em vão.

Charlot é inimitável. Nasceu com Chaplin; morrerá com Chaplin, para ressurgir apenas na tela, á luz do projector. Foi isso que a inteligência de Harold compreendeu no dia em que decidiu ser êle próprio, «Ele», como mais justamente do que possa parecer lhe chamavam na Europa, pois na América o cognominavam «Winkle».

Para criar o «seu» tipo, Harold nem mesmo recorreu à extraordinária faculdade de caracterisação a que deveu os seus primeiros sucessos.



Harold Lloyd



Em cima, Harold Lloyd, num dos seus melhores filmes: The Freshman *(O Caloiro). O retrato que está sôbre a cómoda é o de Mistress Lloyd, mãi autêntica de Harold. Em baixo: Harold e o seu inseparável Noah Young, em* Welcome Danger *(Harold encravado)*

Um «gentleman» magro, correcto, sorrindo com beatitude, amável, inofensivo, bom rapaz, com uns grandes óculos, que hoje nem mesmo bastam para o distinguir, pois qualquer de nós os pode usar sem ridículo. E' preciso ser dotado de faculdades reais, diremos mesmo excepcionais, para triunfar, com tão poucos elementos, como Harold Lloyd triunfou.

Em 1931, preguntei no «Notícias Ilustrado»:

Qual é a altura de Harold Lloyd, o seu verdadeiro lugar, na escala hierárquica dos cómicos cinematográficos?

Várias vezes temos procurado responder com imparcialidade a esta pregunta de exame. E agora, passando em revista todos os nossos trabalhos anteriores sôbre o assunto, reparámos que o problema ainda não fôra resolvido.

O principal obstáculo que se opõe à sua resolução é o facto de Harold Lloyd, embora pareça ter adoptado um tipo definido, estável, variar constantemente de temas e processos em cada novo filme.

Se é verdade que a sua personalidade pode definir-se sem dificuldades de maior, se é certo que os seus filmes podem agrupar-se em duas ou três classes características, em cada uma das suas produções se nos revela uma faceta ainda não verificada do seu múltiplo talento.

Harold, antes de mais nada, parte dum campo diametralmente opôsto ao de todos os outros cómicos da tela. Não é um vagabundo, como Charlot. Não é um vadio, como Laurel ou Hardy. Não é um pária neurasténico como Buster Keaton. Há problemas que não o interessam, que já estão resolvidos naturalmente; o da fome, por exemplo. Harold tem sempre a barriga cheia, cama e roupa lavada. Não explora portanto a vontade de rir que sempre dá a desgraça alheia á multidão preversa. Na sua existência, a luta pela vida resume-se sempre na conquista duma posição melhor, é certo, mas ditada pela sua vontade, pelas suas aspirações.

Quando Harold Lloyd luta por amor é sempre porque as circunstâncias o impelem a lutar e nunca para obter direitos de conquista. O amor nunca lhe serve de prémio. As suas namoradas gostam dêle imediatamente, porque é simpático, porque é atrevido, porque é uma jóia de rapaz. Harold não lhes inspira piedade; não lhe querem porque o vêem sofrer.

Calculem pois quanto é preciso de engenho, de graça e de talento para tornar interessante um conflito em que tudo já está resolvido, arrumado por sua natureza.

Harold Lloyd tem sempre uma profissão que não é humilde nem deixa de o ser. Ou é alfaiate, ou é cocheiro, ou é chauffeur, ou é garagista, ou é lavrador, ou é caixeiro. A's vezes é milionário. E, então, ou estuda, ou caça à raposa, ou não faz nada que se veja.

Mas, seja qual fôr a sua profissão, há uma coisa assente, inalterável: não luta com dificuldades económicas, na acepção chaplinesca do termo.

Dêste ponto de partida, a série de peripécias que animam exuberantemente todos os seus filmes inicia-se sempre incidentalmente, quando muito acidentalmente, resultando sempre duma atitude voluntária do protagonista.

Onde vai Harold Lloyd buscar os episódios que excitam o riso?

A uma única origem: ao perigo.

A sua personagem encontra-se sempre a braços com situações perigosas, materialmente perigosas. Porque os perigos que o ameaçam são sempre materiais: bandidos que pretendem suprimí-lo, policias que pretendem agarrá-lo, a vertigem da altura, a vertigem da velocidade.

Um filme de Harold Lloyd é sempre uma série de desastres eminentes.

(Continúa no próximo número)

ELOGIO DA NUDEZ

Julga-se erradamente que a nossa época criou uma cambada ignóbil de infamíssimos destruidores da moral pública e duma coisa chamada pudor. A nossa época tem sido tão atacada por tanta gente e por tant s motivos que provávelmente já está habituada e não se rala. A última novidade em Portugal, no campo da difamação, é o pobre nudismozinho que meia dúzia de raparigas e rapazes praticam a mêdo.

Têm últimamente aparecido uns artigos onde se recorda com saudade os tempos chalados das saias compridas e dos sonetos inflamados que a aparição rara dum tornozelo de mulher poderia provocar. Pelo que dizem êsses apóstolos do pudor, a fugidia passagem do tornozelo duvidoso excitava o feliz mortal que conseguia avistá lo ao ponto de lhe provocar as mais lamentáveis ocubrações da imaginação. O tipo que via o tornozelo ficava a pensar naquilo duma maneira estúpida; dormia a sonhar com o tornozelo, contava aos amigos que tinha visto um tornozelo como se f sse uma coisa por aí além e não se calava com aquela chatice enquanto não viesse a mulher da fava rica. Nas praias dêsse tempo, as mulheres vestiam-se de freiras para tomar banho e os homens envergavam uns patuscos fatos de malha muito calçudos e enfeitados com riscas horizontais azuis e encarnadas. Iam da barraca para o mar e do mar para a barraca numas corridinhas pudicas e idiotas. Não apanhavam sol, não faziam ginástica, não apreciavam a beleza plástica dos seus semelhantes, mas parece que gozavam imenso. Gozavam imenso será talvez exagero, mas tudo é relativo. Se êles ficavam doidos com um tornozelo, imagine se o que se ia com um vestido de freira todo encharcado. Era um delírio. Estas coisas, é claro, originavam da parte dos homens um grande respeito pelo recato feminino e pela incontestável graça pudica dos fatos de banho pingões.

Mas no fundo eram todos uns preversos. O culto pelo tornozelo e pelo recato feminino era uma tremenda malandrice.

Os rapazes e as raparigas impuberes que, segundo pretendem os articulistas moralizadores, trazem o instincto sexual acicatado pelo impudor saudável das nossas praias actuais, traziam-no muito mais acicatado ainda ha trinta anos, quando havia a mania de conservar secretas as coisas mais naturais desta vida. Os adolescentes dessa época triste, tinham pelos mistérios sexuais a atracção irresistível que provocam sempre as coisas misteriosas e proibidas. Os adolescentes de hoje sabem já felizmente de que se trata e portanto, não dispensam agora a êsse assunto secundário mais interêsse do que pode realmente merecer-lhes um mistériosinho de *rien du tout*, quási desvendado.

A vida sexual de hoje não é mais escandalosa do que o era ha trinta anos, ha sessenta ou ha três mil. Toda a vida os homens perseguiram as mulheres e as mulheres fizeram o possível por serem perseguidas pelos homens. Só os processos de perseguição é que se têm alterado com o tempo. Actualmente existe o mesmo escandalo de sempre, nem mais aumentado nem mais reduzido e com a vantagem simpática de ser menos hipócrita.

Ha trinta anos ninguém se preocupava com a verdadeira estética plástica. Os homens limitavam-se a criar uns grandes biceps abatatados e as mulheres espremiam imbecilmente a cintura porque era chic e ficavam muito contentes quando possuiam grandes redondezas de seios e ancas.

Os marialvas de mil novecentos e dez estão muito aborrecidos porque a humanidade teve o bom senso de regressar ao ideal estético do Discobolo e da sportiva Diana Caçadora. Achamos absolutamente melancólico e retrogrado que se reaja contra uma ressurreição de beleza que só pode acarretar o máximo de benefícios físicos e morais a uma raça depauperada como a nossa.

A juventude verdadeiramente jovem que já não teve tempo para assistir aos disparates anti higiénicos e anti normais dos seus progenitores, teve a inteligência de dar à sua passagem pela vida um aspecto tanto quanto possível pessoal. Os pedagogos, que são geralmente criaturas idosas e míopes, não teem já olhos nem cabeça para sentenciar sôbre o assunto dum modo positivo que valha a pena considerar. Não é agradável repetir as coisas aborrecidas e estupidas que caracterizaram as diferentes épocas. Regressemos ás coisas verdadeirrmente belas. Desenterremos as estátuas mas deixemos os mortos debaixo da terra.

Criticar o nudismo ou o semi-nudismo que é, como a T. S. F., os records de Campbel ou as travessias aéreas do Atlantico, uma consequência nítida da nossa época, o mesmo seria do que criticar aos peixes a faculdade de voar.

Esperamos agora que êstes comentários sejam interpretados duma maneira justa. Quizémos apenas registar o nosso veemente protesto contra a incompreensão que escorre dos artigos ajesuitados que ultimamente se publicaram em vários jornais. «Animatógrafo», que está acima de quaisquer suspeitas pornográficas, tambem usa maillots sintéticos e gosta de abrir as suas páginas ao sol vitaminado e quente das nossas praias.

OLAVO



Maureen O'Sullivan e Johnny Weissmuller entoam, numa praia da Califórnia, um hino ao sol, à beleza e à saúde. E' um argumento forte, convincente, a favor da pureza helénica da vida nas praias que meia-dúzia de Tartufos sebentões pretendem reprimir em Portugal

CRITICA

O Navio Sangrento



(Shanghaied Love)
de GEORGE B. SEITZ

Há pessôas que sorriem de desdém quando se lhes fala em romances ou filmes de aventuras. Sentem-se humilhadas com a idéia de que poderemos pensar que gostam de semelhante género de literatura ou de cinema. Nós nunca fomos como essas pessôas e temos até muito prazer em confessar que consideramos a *Ilha do Tesouro* de R. L. Stevenson como um dos mais empolgantes romances que podem ler-se e que passámos uma das melhores noites que nos tem dado o cinema a ver o *Vingador* de King Vidor.

Isto vem a propósito do *Navio Sangrento*, filme de aventuras marítimas que, sem ser uma maravilha, mesmo dentro do género, tem no entanto suficientes qualidades para merecer considerar-se com inteira simpatia.

A acção, violenta e intensa, nem é inverosímil nem disparatada. A realização, embora não seja extraordinária, está num nível de decente suficiência e a interpretação é toda ela justa e exacta.

Meia dúzia de apontamentos bastam para nos dar uma ideia do porto de S. Francisco a meio do século passado. As vistas da corveta são lindas. Pena foi que não tivessem insistido um pouco mais na faina do navio de modo a marcar melhor a vida de bordo. A cena da taberna, quando Richard Cromwell prega uma sova mestra em Sydney Bracy, o criado cobarde e malévolo, foi ótimamente dirigida.

Os vários tipos do filme foram bem criados, embora alguns sublinhem demais as suas «funções» na acção. E' já preciso fugir, o mais possível, ao convencionalismo do género.

Noah Beery e Edwin J. Brandy fazem os dois vilões, como todos os vilões do cinema. O galã foi Richard Cromwell, um rapaz simpáticp e bem parecido. Sally Blane fez a rapariga e Willard Robertson desempenhou com necessário relêvo o homem que volta do passado para se vingar.

Os outros papéis foram interpretados por Sydney Bracy, Dick Alexander, Erville Alderson, Lionel Belmore, etc.

(Distribuïção de Filmes Castelo Lopes).

Apaixonadamente



(Passionément)
de RENÉ GUISSART

O Filho inesperado era um péssimo filme «com piada». *Apaixonadamente* é uma nova gravação do mesmo disco e pior do que a primeira. Sob o ponto de vista cinematográfico esta produção da *Paramount* de Joinville está ainda abaixo do nivel da outra há pouco citada—o que deve ser considerado uma *performance* respeitável Como espectáculo, também não se pode dizer que tenha igualado a sua irmã mais velha, que sempre tinha o mérito de divertir consecutivamente, embora por meios primários, fáceis, baratos, baratíssimos mesmo.

A intriga de *Apaixonadamente* é duma vulgaridade, duma insipidez confrangedoras. Não há uma única situação que seja engraçada *por si só*. Toda a comédia vive das «enormidades» dos diálogos e do desempenho dos intérpretes. Estes cantam, a propósito e a despropósito de tudo, umas canções desoladamente idiotas e banais.

A música dalgumas não é feia e escapa a cena a bordo do *yatch* entre Florelle, Danièle Brègis e Gravey, que tem vivacidade.

Os intérpretes são bons, todos artistas de recursos. Mas não puderam fazer nada de geito.

Fernand Gravey, dá até a impressão de que está maçadíssimo por ter de levar ao fim uma tal estopada. Florelle fez como calhou o que lhe couba em sorte, uma pobre «prenda», indigna das suas possibilidades. Danièle Brégis, a imperatriz Eugénia da *Imperatriz e Eu*, num papelinho sem importância, Koval e Baron Fils em duas figuras de comédia, nos moldes tradicionais.

O público saíu regalado. Fartou-se de gosar com o filme. Isso não é de estranhar, pois, como já se disse, o filme é, no seu género, uma obra-prima de grosseria, patetice-alegre e primitivismo.

Há cinco anos êste filme não tinha categoria para ser apresentado senão numa sala de 2.ª categoria. Agora merece foros de apresentação sensacional num dos melhores cinemas de Lisboa.

Tanto basta para demonstrar à maravilha o que se tem recuado ultimamente. Isto vai de mal a pior.

(Distribuïção da Paramount Films S. A.)

Martirio Ditoso



(Sooky)
de NORMAN TAUROG

Uma novela comovente, especial para gente nova lêr, como só existem na literatura americana — *Dear Sooky*, de Percy Crosby — foi a base dêste filme, cujo principal defeito é pertencer à fase segunda do cinema sonoro, isto é, áquela época em que todos os filmes eram imensamente falados e portanto imensamente lentos, logo bastante maçadores, apesar de quaisquer qualidades que possuissem.

A novela, simples e simpática, como todes as histórias de crianças, tem suficientes qualidades para interessar, em especial uma plateia de gente miúda. Sómente não souberam pô-la em cinema.

A acção arrasta-se, dilui-se em longos diálogos, que para um público que os não compreende são autênticas provas por que passa a sua paciência.

Três miúdos têm a seu cargo os três principais papéis.

São Jackie Cooper, Robert Coogan e Jackie Searl. Admiráveis, êstes petizes, especialmente Jackie Coope,r que o *Campeão* de King Vindor colocou em vedeta (de resto o *Campeão* é posterior a êste filme). A sua interpretação do pequeno «Skippy», o rapazito bondoso e enérgico, é uma coisa notável. Quando encontra o pai e «Sooky», depois de ter assistido à morte da mãi dêste, e faz tudo por se dominar de maneira a que o seu amigo de nada suspeite, representa por fórma tal que pode servir de exemplo a muito actor feito e até de fama.

O título português desta pelicula é particularmente infeliz e revela uma falta de imaginação alarmante.

(Distribuïção da Paramount Filmes S. A.)

O Grande Milagre

(The Miracle Man)
de NORMAN MAC LEOD

Este filme pertence a um género que só os americanos cultivam: o dos filmes «edificantes». São películas com um argumento muito moral, histórias de pessôas exemplares ou de criaturas pecadoras que por qualquer razão significativa voltam ao bom caminho. O especialista dêste género é, desde sempre o famoso Cecil B. de Mille. Não é por isso de estranhar que já em tempos tivesse feito um filme sôbre êste mesmo assunto, filme que nunca veio até Portugal.

Da versão sonora encarregou-se o sr. Norman Mac Leod, e só há razões para louvar o seu trabalho. A história é que não é famosa.

Num recanto da costa californiana vive um velho que é santo e faz milagres. Uma quadrilha de malfeitores, vigaristas e gatunos em alta escola, propõe-se explorar comercialmente aquela «atracção». Mas, pouco a pouco, os vários membros da quadrilha começam a tornar-se virtuosos: o contacto com o santo homem amolece aquelas almas empedrenidas. Só o chefe do bando se mostra renitente à regeneração. Mas por fim, tambem é tocado pela graça. E o «Patriarca» morre rodeado pelos convertidos.

Prégar moral é muito bonito e muito louvável, mas é preciso sabê-la prégar. Não duvidamos de que para os Estados Unidos esteja certo prégar assim.

Entre nós, semelhantes «sermões» não edificam ninguem.

Porque ninguém toma a sério os milagres que faz aquêle respeitável ancião de rabona e cabeleira branca, que passa a vida sôbre as falésias da costa, de fronte erguida para o céu.

No fundo o que impede a nossa sensibilidade de se comover com esta espécie de histórias edificantes, que atingem completamente o alvo na América, é a diferença entre a nossa educação e tradições católicas e a educação e tradições protestantes de além-Atlântico.

O tratamento cinematográfico que Norman Mac Leod empregou ao realizar esta inefável novela foi deveras feliz. Principalmente na primeira parte, e em especial na apresentação dos membros da quadrilha. Essas cenas, que nos mostram os gatunos em acção nas ruas de S. Francisco, foram admiravelmente realizadas e conduzidas de forma a tirarem o máximo partido da surpresa que a nossa ignorância forçosamente havia de provocar.

Mas o que salva o filme, digâmos, o que quási o impõe, é a interpretação, verdadeiramente excepcional. Reüniram para desempenhar esta pelicula, um esplêndido conjunto de artistas e todos cumpriram e cumpriram bem. A' cabeça Sylvia Sydney e Chester Morris. Ambos certissimos. Notavel a maneira porque ela nos dá o contraste entre o aspecto ingénuo que arvora na rua e o ar de vício que lhe é natural quando se abandona em casa. Ele é um ótimo artista que merecia ser mais conhecido em Portugal. Hobart Bosworth, Irving Pichel, Boris Karloff, Lloyd Hughes, o pequeno Robert Coogan, Sparks, Virginia Bruce e Florine Mc Kinney fazem os outros papéis e todos representando a preceito, com naturalidade e emoção.

(Distribuïção da Paramount Films S. A.)



Outros filmes

O Torneio da Morte — Wild West Woopee — *Realização de Robert Homer — Um filme de* cowboys *bastante banal. Jack Perrin é o heroi. Não faz nada que entusiasme. O seu cavalo, sim, tem um papel de mais interêsse. No principio do filme há uma festa de* cowboys *que serve de pretexto para nos mostrarem algumas habilidades caracteristicas.*

DOMINGOS MASCARENHAS

Actualidades Mundiais

INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS CINEMATOGRÁFICAS DE TODA A PARTE

Henry Garat

volta a trabalhar na U. F. A.

Como noticiámos, o contrato de Henry Garat com a Fox permite-lhe, durante determinado espaço de tempo, trabalhar na Europa. Recem-chegado de Hollywood, onde fez ao lado de Jannet Gaynor o filme *Adorable*, Henry Garat está actualmente na Alemanha interpretando para a U. F. A. e sob a supervisão de Gunther Stapenhorst o filme *La guerre des Valses* de que Louis Berger é o realisadôr.

A guerra das Valsas, cujo cenário é devido a Robert Liebman, o autôr do *Congresso que dansa* e da *Imperatriz e Eu*, é uma fantasia de costumes cuja acção decorre em Viena e Londres em 1840. Ao lado de Garat aparecem também Pierre Brasseur, Madeleine Ozeray e Paul Oliver, não estando ainda escolhida a artista que interpretará a primeira figura feminina do filme.

Leontine Sagan

volta a dirigir DOROTHEA WIECK

Por sugestão de Dorothea Wieck, que como noticiámos no nosso numero passado se encontra em Hollywood sob contrato da Paramount, esta emprêsa acaba de chamar a si Leontine Sagan, a célebre animadôra de *Raparigas de Uniforme*, que em Inglaterra dirigiu também o filme *Young Appolo*, focando a existência dos estudantes universitários ingleses.

Leontine Sagan irá, uma vez mais, dirigir Dorothea Wieck, realisando o primeiro filme americano daquela que foi a inesquecivel *Mlle. de Bernburg*. Esse filme que se intitula *White Woman* (Mulher Branca) é extraído da peça espanhola *Le chant du Berceau* que em França, durante uma temporada, obteve no teatro dos Champs Elysées um extraordinário êxito. Nesse filme Dorothea Wieck aparecerá interpretando a figura duma jovem religiosa.

As fitas em séries

voltam a etsar na ordem do dia

Os filmes em séries, que fizeram as delicias dos frequentadores dos cinemas há alguns anos, estão de novo na ordem do dia. Varias são as emprezas que se dedicam presentemente á realisação de fitas em episódios desde a Aventures Pictures, empresa que se especialisou na produção exclusiva desses filmes e de quem vimos não há muito *O Mistério do Avião Correio*, um filme modelar no género, até á Universal, a pioneira das fitas em séries.

A Universal vai agora produzir uma nova versão modernisada, e em doze episódios, dum dos primeiros filmes daquela que foi a rainha das séries *As Aventuras de Paulina*, de Pearl White!

Para aquela mesma empreza foi contratado o conhecido Buck Jones como intérprete de peliculas do género, a primeira dos quais se intitula *Gordon of the Ghost City*.

Pola Illéry

numa opereta de ambiente marselhês

Pola Illéry, a insinuante romêna que tão grande sensação suscitou interpretando a figura sensual e aliciante da frivola *Pola* em *14 de Julho*, acaba de ser contratada pelos estúdios Braunberger Richebé para ser a vedeta feminina do filme *Le Pays du Soleil*.

O País do Sol, extraido da peça de Sarvil e Alibert, que conta já hoje 350 representações consecutivas, será uma cine-opereta de pitoresco ambiente marselhez, tendo por realisador o enscenador Robert Peguy, bastante conhecido em França no tempo do «silencioso».

Pola Illery tem por *partenaires* o próprio autôr, Louis Alibert e Lizette Lanvin e Ginette Darcy, que foi Miss Paris 1932.

Annabella

vai interpretar "La Bataille"



De *La Bataille*, o conhecido romance de Claude Farrère que em França, há uns sete anos já, foi levado á tela com Sessue Hayakawa por interprete, vai agora de novo ser extraída uma nova versão. Para a esmagadôra figura do protagonista foi escolhido Charles Boyer, o admirável actor que agora podemos admirar na personagem do *Duque de Campo Formio* da *Imperatriz e Eu*. Ao seu lado aparecerá também Annabella, a sensivel interprete de *14 de Julho*.

A encenação está a cargo de Turjansky, o célebre realizador de *Volga-Volga*. O *découpage* foi feito por Erich Phillippi, o especialista alemão que faz parte do Bloco H. da Costa e a que se devem o argumento e planificação de *Gado Bravo*.

Clark Gable

num filme bíblico

Um novo filme biblico, de ambiente grandioso, vai ser realizado em Hollywood. E' a Metro Goldwyn que vai lançar mão desse empreendimento, intitulando-se o filme *Two Thieves* (Dois ladrões) o qual se relaciona com a história dos dois malfeitores que foram crucificados juntamente com Cristo, no Gólgota. Os dois principais papeis masculinos serão interpretados por Clark Gable e Robert Montgomery.

Flashes

Os soviets, que parecem ter desistido de realisar apenas filmes de propaganda, convidaram Sophie Tucker, a famosa cantôra que os discos popularisaram, para principal interprete dum filme musical.

■ Georg Raft, que se tornou conhecido interpretando o homem da moeda, guarda-costas de Paul Muni de *Scarface*, a quem aquele depois matava, vai interpretar a figura dum dansarino profissional no filme da Paramount *The Life of Maurice*.

■ E' Norman Taurog, o realisador das *Proezas de Skippy*, o filme do pequeno Jackie Cooper, quem vai dirigir Maurice Chevalier no filme *The Way to Love* que fará como *partenaire* a artista francesa Josseline Gaël.

■ Segundo uma estatistica publicada no jornal corporativo inglês «The Bioscope» referente á industria cinematográfica alemã, 20 por cento dos actores, 37 por cento das actrizes, 49 por cento dos realizadores, 80 por cento dos scenaristas, são judeus.

■ Victor Boucher, o interprete da *Doçura de Amar* e do *Rei da Sorte*, Jeanne Cheirel, que foi ai nesquecivel «Madame Ledoux» em *Eu de dia e tu de Noite*, o popular Pierre Brasseur, Suzanne Dantés, Marguerite Moreno e José Noguero são os interpretes da adaptação cinematográfica da celebre peça *Le Sexe Faible*, nos papeis que crearam no teatro. Yves de Mirande é enscenador.

■ William Powell e Ann Harding são os protagonistas do filme da Radio *Double Harness*.

■ Anatol Litvak, o realisador de *Cruzeiro de Amor* de Lilian Harvey, ai dirigir a adaptação da peça de Fernand Noziére *Cette Vieille Canaille* que terá por interpretes Alice Field, Pierre Blanchar e Harry Baur.

■ Charles Farrell, que como noticiámos já, deixou a Fox, e Mary Brian são os protagonistas do filme *Shoot the Worker*.

■ Al Jolson, e sua mulher, a dançarina Ruby Keeler que no filme da Warner *42 Street* obteve um exito enorme, encontram-se em Honolulu, nas ilhas Hawai, em gôso de férias.

■ Jean Angelo, Josette Day, Gaston Modot, Genica Athanasiou, Raymond Cordy, Teroff e Mireille de Tallier são os interpretes de *Colomba*.

■ Jean Harlow é a vedeta da nova grande revista da Metro *Hollywood Revue 1933*.



Brigitte Helm

e o seu novo filme

Brigitte Helm, que é hoje sem dúvida o maior cartaz do cinema europeu, depois de ter sido a vedeta de Estrêla de Valencia, *o primeiro filme do novo contrato com a U. F. A., no qual teve Jean Gabin, o mecânico de* Glória, *Paule Andral, Simone Simon e Thomy Bourdelle por* partenaires, *começou já a interpretar um novo filme, intitulado* Adieu les beaux jours *em que tem por colaboradores, de novo, Jean Gabin, Henry Bosc e Carette, o truculento coronel medico de* Imperatriz e Eu.

Um novo

processo de cinema a côres

Um novo processo francês veio pôr mais uma vez na ordem do dia o almejado cinema a côres.

Os dirigentes da empreza Pathé Natan apresentaram há poucos dias no cinema Marignan, em sessão especial — que pelos jornais foi alcunhada de revelação sensacional — para a imprensa e altas personalidades cientificas, o novo processo de que aquela sociedade é detentôra. Este processo é na verdade digno de referencia, mormente porque utiliza o filme vulgar; sendo exclusivamente optico não emprega a colaboração pigmentar da pelicula, sendo as imagens brancas e negras, tal como as do filme normal. Para a filmagem é utilisavel qualquer espécie de *camara*. Unicamente se tem de adaptar uma objectiva especial, que foi construida na casa Adam, Helger e Cox e que é, segundo se diz, uma verdadeira maravilha de optica. A «prise de vues» faz-se nas condições habituais de movimento e iluminação. As côres são registadas automáticamente no negativo. Na projecção as côres são reconstituidas em todas as suas gamas sem que o filme necessite de qualquer tratamento especial porquanto, quer a revelação, como a impressão, são feitas exactamente como para o filme normal.

Os filmes assim obtidos reproduzem até as mais delicadas *nuances* das côres naturais, como as das águas, a do ceu, as dos campos e as dos rostos dos artistas.



TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE, : : R. DO ALECRIM, 65-LISBOA : :*

Correio dos Cinéfilos

LOUCO PELO CINEMA — *Lisboa* — Agradecemos-lhe a oferta do seu desenho, lamentando não o podermos publicar, por várias razões, uma das quais é vir a lápis, o que tórna impossível fazer-se a gravura. Desculpe. Escreva quando lhe aprouvér.

ZORRO — *Lisboa* — Não nos custa a crêr no seu grande desejo de aparecer no cinema. E', afinal, a grande aspiração de muita gente. Na sua carta pede-me que lhe indique o caminho a seguir. Confesso-lhe que isso me embaraça. Porque não se inscreve no «Casting» do Bloco H. da Costa? Podia ter ai uma oportunidade. Muito lhe agradecemos os seus votos, tão amáveis.

EUGÉNIA DE MACEDO — *Lisboa* — No devido tempo foram por nós tomadas as devidas previdencias para que o facto se não tornasse a repetir, o que na realidade aconteceu.

TARZAN — Queira lêr o que dizemos ao leitor precedente, que se refere ao mesmo assunto que o amigo. — Para Katte von Nagy enderece para: Winklerstrasse 1, — grüneuvald Berlin.

Retribuímos-lhe o abraço, seu «cinéfilo selvagem» . . .

CINÉFILO SOLITÁRIO — *Lisboa* — A maneira mais fácil de fazer a sua assinatura, como se trata dum leitor residente em Lisboa, é vir á nossa administração, Rua do Alecrim 65 e satisfazer a importância correspondente ao periodo porque desejar assinar *Animatógrafo*. — Vem o que quere sôbre troca de correspondencia na secção respectiva.

ZIZI — *Viana do Castelo* — A sua amiga dá nítidas provas de não saber bem o que diz quando faz a êsse processo, primeiramente lançado pelos americanos e por êles quási unicamente aplicado, uma critica tão ridicula. Para a outra vez diga-lhe que tenha mais juizo e não teime tanto . . . Adolphe Menjou não é mau artista; tem para nós o defeito, sôbre tudo, de não se modificar. Creou um tipo no cinema, que não há maneira de abandonar, ainda que isso o tenha prejudicado bastante, o que é pena, pois é um actor consciencioso. — Nasceu em Pittsburgh, na Pensylvania, a 18 de Fevereiro de 1891. Está divorciado de Katherine Tinsley e de Katherine Carver que com êle apareceu em alguns filmes — O ultimo filme que interpretou foi o *O assassinato duma artista de Circo*. Escreva-lhe para os Columbia Pictures Studios, 1438 Gower Street, Hollywood, Calif. — Mas é evidente que pode voltar a escrever-me quando quizer. Tenho sempre prazer em responder-lhe. Até à próxima, Zizi.

DR. MILAGRE — *Santa Cruz do Bispo* — Então como vai o *macacão?* Ainda gosta da Sidney Fox? Dê-lhe lembranças minhas, não se esqueça...

— Não lhe sabemos responder sôbre o que nos diz dos jornais sonóros. Pergunte-o aos exibidores interessados; só êles lhe poderão dizer a razão dessa demora. — Raoul Roulien, depois de ter feito alguns filmes para a Fox, voltou para o Brazil, seu país natal, onde vai trabalhar para a Cinédia. Ainda não foi tornado público o titulo do seu próximo filme. — Na secção respectiva publico o seu oferecimento.

J. M. VAZ VELHO — *Faro* — Como deve ter reparado, no número anterior de «Animatógrafo» passou a vir o que nos pedia no seu postal, respeitante ás casas destribuidoras. Estamos sempre às suas ordens para o que lhe interessar.

LOUQUINHO POR CINEMA — *Barcelos* — *O Bandido Mascarado*, de José Mojica foi já estreado tendo sido feita a critica no nosso número 6. — Nino Martini, que viu em alguns filmes da Paramount, é um cantôr de segunda ordem, não tendo aparecido mais no cinema. Não lhe posso, por isso, dar o seu endereço. Cortudo se tem muito interesse escreva para os Paramount Studios, 5451, Marathon Street, Hollywood, Calif. Pode ser que lhe saibam dizer alguma coisa desse cantôr. — Felicito-o pela sua bonita caligrafia, demonstrativa duma paciencia deveras invejavel. Dá vontade de emoldurar . . . E até breve.

SYLVIA SIDNEY DISFARÇADA — *Lisboa* — Ao contrário do que supõe não houve da minha parte qualquer engano, pela razão simples de que tenho entre as minhas correspondentes duas leitoras *disfarçadas*: a Lilian Harvey e a Sylvia Sidney, que não é outra senão você. Ora como todos são unanimes em a achar parecida com a intérprete de *Ruas da Cidade*, com mais forte razão deve continuar a ser a Sylvia Sidney, embora disfarçada . . . E isto porque a verdadeira Lilian disfarçada se zangaria comigo se eu deixasse alguem apropriar-se do seu pseudónimo, no que, na verdade tinha muita razão. No entanto terei muito prazer, se com isso a não contrariar, em a contar no número limitadissimo das minhas *afilhadas* . . .

— Henry Garat, como noutro local noticiamos, encontra-se presentemente trabalhando na U. F. A. para onde lhe pode escrever. Enderece, assim, para: U. F. A., Kraussenstrasse, 38-39, Berlim W. 19 — Ramon Novarro anda agora em digressão por vários países da Europa, não tendo por isso morada certa. Contudo, se escrever para a sucursal francesa da Metro Goldwyn, 17, rue Condorcet, Paris, é possivel que lhe façam chegar às mãos a sua carta. Tanto a um como a outro é conveniente escrever em francês. — Na Posta Restante reproduzo o seu pedido. E não se esqueça do seu «padrinho», não? E agora veja bem, pois no número 6 tem a resposta à sua carta . . . Que cabecinha!

UM CINÉFILO AMOROSO — *Lisboa* — Descança; ilustre «afilhado», que a tua carta já há muito está na posse da destinatária, a simpática *Venus da Costa do Sol*. O resto agora é com ela. — Os óculos de Harold não teem, de facto, vidros. Quanto ao braço de pau desse actor não é bem verdade; o que lhe falta são alguns dedos da mão direita, em resultado duma explosão durante a realisação duma sua pelicula. E' por isso que êle usa uma luva de borracha na dita mão. *Tony Tinta* é do sexo forte. Vou fazer o teu pedido na Posta Restante. — Volta a escrever-me, meu desajuizado afilhado . . .

J. A. CORREIA — *Ribeira de Santarem* — Agradecemos-lhe o seu oferecimento e arquivamos o seu nome para, quando criarmos esses serviços, utilisarmos os seus valiosos préstimos. — Sempre às suas ordens para o que lhe podermos ser util.

DR. CELULOSE. — *Porto* — Li com interesse as suas impressões sôbre a *A Imperatriz e Eu*, de que os amigos portuenses tiveram a primasia. Acho muito bem o que diz dos seus intérpretes, à excepção de Pierre Brasseur, que em *Didier* tem um notável trabalho. Bastaria só a sequencia da sua estreia como regente da orquestra para valorisar toda a sua actuação no filme.

Billy Dove não tem tido ultimamente grande oportunidade de aparecer na téla. *Blond of the Follies*, de que é vedeta Marion Davies, é um dos seus ultimos filmes. Evidentemente que as imágens aparecem deformadas quando estivermos quer muito perto, e sobretudo perto e de lado do écran.

— Supômos que deva fechar, ainda que por pouco tempo. — E muito obrigado pelos bilhetes-reclames da *Imperatriz* que teve a amabilidade de me enviar.

EL CABALLERO DE LA NOCHE — Pode fazer três preguntas de cada vez — Clara Bow recebe correspondencia nos Fox Studios, 1401 North Western Ave., Hollywood, Calif.

— Calculo que mande fotografia.

— E' conveniente escrever-lhe em inglês. Fique descançado, ilustre noctivago, que farei o seu pedido de correspondentes. Vem hoje mesmo na secção respectiva.

FALSA MADONA — *Lisboa* — O preço das assinaturas de «Animatógrafo» vem sempre publicado no cabeçalho da revista, que se publica na página 17. Uma assinatura semestral custa 31$00 e anual 62$00.

— Sempre ao seu dispôr para o que desejar.

TIT — *Lisboa* — Gostaria muito de lhe ser agradável, tanto mais sabendo que o seu maior desejo seria esse que diz na sua carta. Se quizer, mande um retrato, e procurarei ainda que sem compromisso, ver se consigo a satisfação da sua mais caro ambição. Para Clark Gable enderece para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif. A direcção de Charles Boyer é 6, rue Dante, Paris (5) — O primeiro 37 e o outro 41. — Tanto um como outro devem mandar retrato. — E creia que estou sinceramente interessado em lhe poder satisfazer o seu desejo. — Volte a escrever-me, pois nunca me incomodará, gentil Tit.

KINE-PHILOS — *Lisboa* — Sinceramente lhe digo que não só não creio que eles estejam pelos ajustes de escrever, como o mesmo sucederá com os seus secretários, que teem bem mais que fazer. No entanto se lhe parecer, experimente; o mais que lhe pode acontecer é estar eternamente á espera da resposta . . . — Para Kathe von Nagy enderece para: Winklerstrasse 1, Berlin — grünewald.

JONH MILTON. — *Coimbra* — Quem lhe disse que o popular *Bouboule* tinha deixado o cinema? Continua, como não podia deixar de ser, interpretando filmes. E' uma presa de que os produtores franceses não têm pressa de largar . . . Agora mesmo acaba de terminar *Nu comme un ver* para o qual propômos o titulo português de *Nu em pelôta*. — O *Rei dos Borlistas* e o *Rei da Graxa* são dentre os seus filmes apresentados em Portugal, os mais felizes.

— E' muito fácil. Basta enviar para a administração a importância respectiva. O cartão seguirá imediatamente.

Posta Restante

CINÉFILO SOLITÁRIO, de Lisboa, deseja corresponder-se com leitoras de «Animatógrafo».

DR. MILAGRE, leitor de Santa Cruz do Bispo, no Porto, oferece á primeira leitora que lhos pedir, os sêlos n.os 14, 15, 27 e 28 do concurso das viagens a Paris, do São João Cine.

SYLVIA SIDNEY DISFARÇADA, de Lisboa, desejaria corresponder-se por nosso intermédio com *Henry Garat disfarçado*.

UM CINÉFILO AMOROSO deseja corresponder-se com *Margot* e *Violeta, a dos Olhos Negros*, por nosso intermédio.

MADELON GUITON, nossa leitora de Setubal, comunica-nos que ac de a corresponder-se com *Cinéfilo Conquistador*, pedindo que êste lhe indique para onde ha-de escrever.

O DR. PATILHAS pede-nos para comunicarmos que se sentiria feliz em se corresponder com leitoras de «Animatógrafo», por intermédio do Dr. Celuloide. A todas escreverá a primeira carta em verso.

EL CABALLERO DE LA NOCHE, leitor de Lisboa, informa-nos que desejaria corresponder-se com leitoras de 16 a 18 anos.

— Temos correspondencia de *Violeta, a dos Olhos Negros* para *Cinéfilo's King*; de Mihrete Oniqui para *Estou Esperando Resposta*; de *Henry Garat disfarçado* para *Sylvia Sidney disfarçada* e *Lilian Harvey disfarçada*; de *Sonhador Romantico* também para *Lilian Harvey disfarçada*. Queiram, pois, os leitores interessados dizer-nos os seus respectivos endereços.

As estrêlas à sôlta

(Conclusão da pág. 6)

Janet não costuma agora aparecer nos hoteis e restaurantes de Hollywood Boulevard. As suas visitas são para os armazens de mobílias, na escolha de moveis para a sua nova casa em estilo inglês, onde antes moraram Kenneth Mac Kenna e sua mulher, Kay Francis.

Alice White afirma que o seu rompimento com Cy Bartlett (de quem desde há cinco anos está noiva!) constitue apenas umas simples férias. Contudo Cy afirma que tudo acabou definitivamente. O caso é que Alice White tem tido ultimamente por assíduo companheiro Lew Ayres, que está desde há meses «solto e livre», em virtude do seu divorcio com Lola Lane.

Por sua vez Cy Bartlett tem em Boots Mallory, que há pouco se divorciou de Charles Bennett, uma amiguinha interessante e interessada.

Mas o pior é que na ausência de Cy, Boots costuma ter por companheiro de pandega James Dunn, que dedica também a Lola Lane a sua amisade e indispensável camaradagem...

O divórcio de Marian Nixon e Edward Hilman Jr. deu origem a uma amisade muito intima de Marian com Charles Rogers, que se viu obrigado a ceder a Dick Powell o lugar que de ha muito ocupava no coração de Mary Brian, essa ingenua encantadora.

Marian Nixon, a convite de Charles «Buddy» Rogers, foi assistir à estreia de *42and street* onde incidentalmente se encontrou com Edward Hilma, que por sua vez ia acompanhado por uma rapariga loira, pertencente à melhor sociedade de Santa Barbara. No Club Ballyoo, de volta da estreia do filme, Marian e Charles encontraram-se também com Joe Benjamin, que foi o esposo n.º 1 de Marian.

Só ha poucas semanas Jean Harlow começou de novo a aceitar convites para jantares e para bailes. A despeito do que corre a respeito dum médico mexicano, Jean não parece ter nenhum companheiro preferido. Vai ao teatro acompanhada dum elegante jornalista cinematográfico, e janta com um não menos elegante chefe de publicidade. Costuma dançar com Jesse Lasky Jor, filho do conhecido produtor, e com Dick Powell, o novo galã da Paramount. No entanto não se fala a seu respeito de qualquer romance a sério...

Nem só ao divórcio se deve o facto de as vedetas andarem agora à solta.

Gary Cooper, que durante três anos foi o noivo inseparável e exclusivo de Lupe Velez, tem sido um assíduo companheiro da Condessa de Frasso. No entanto, ultimamente, aquela titular italiana tem sido posta um pouco de parte por duas outras suas rivais: Wera Engels, a vedeta germanica que chegou há tempos a Hollywood, e Lilian Harvey, que tem Gary na conta de um «belo homem» e do qual continua também a receber curiosos ramos de flores.

Gary acompanha Lilian também por tôda a parte.

Ramon Novarro também, antes de ter partido para a Europa, passou a ser visto nos lugares publicos, coisa de que não havia memória nestes ultimos anos, acompanhado nada menos do que de Myrna Loy. Diz-se por isso que Ramon encontrou finalmente a sua almejada «alma irmã», afirmando-se que é quási certo o seu casamento, logo que dentro de alguns meses volte aos Estados Unidos.

Maurice Chevalier também costuma gastar o seu tempo disponível acompanhando quer Marlene Dietrich, Adrienne Ames ou Lilian Harvey...

Cláusulas Bizarras

(Conclusão da pag. 7)

filmes, mas não tem o direito de perder o seu *accent* pátrio.

O novo contrato de Alice White, com a «Warner Bros» não lhe permite casar sem a autorização dos seus directores, pertencendo ainda a estes a autorização de seleccionar as suas relações. Pobre Alice! O amôr do dinheiro e da celebridade vai-lhe fazendo perder o amôr dos homens. Os contratos são muralhas que se não podem vencer. Aquelas e aqueles que as transpõem terminam sempre por ficar vencidos. Assim sucedeu, por exemplo, a Sue Carol que, ao matrimoniar-se com Nick Stuart, se viu forçada a deixar a «Fox», por não ter cumprido aquela draconiana clausula do seu contrato que não lhe permitia casar-se.

Tudo isto que lhes refiro é verdadeiro, já porque tem a «assinatura afirmativa» de António Moreno, já porque é fácil, seja a quem fôr deduzir que a vida hollywoodense tem miragens tentadoras e tem obrigações crueis. Deste modo, uma vez mais se prova que, sendo o cinema uma arte, exige sacrifícios sem conto para levantar os seus heróis.

GUEDES DE AMORIM

Dr. Mabuse

(Conclusão das pág. centrais)

a bancos, a farmácias... Jóias, dinheiro, venenos, estupefacientes, — desapareciam misteriosamente sem deixar sinais.

A polícia era impotente para combater a organisação poderosíssima que montara o crime como uma indústria, indústria pavorosa — *Inutil.* e

E todos os indicios coincidiam com os apontamentos do doido que se chamara em vida Dr. Mabuse!

O primeiro homem que descobriu essa bizarra coincidência apareceu morto em plena rua, dentro dum automóvel.

A arma com que fôra cometido o crime era uma pistola Dreyse, modêlo 1906, calibre 7,65.

O Dr. Mabuse morrera exactamente na manhã do dia em que o comissário Lohmann se resolvera a procurar o Dr. Baum.

A cela não chegara a estar vazia. Fôra imediatamente ocupada por Hofmeister, que um guarda descobrira nas margens do Schöneberg, alucinado, doido de mêdo, cantando como uma criança e fingindo que falava ao telefone.

— Está lá? Pelo amor de Deus preciso falar ao sr. comissário Lohmann!... Descobri uma coisa horrível!... E' uma questão de vida ou de morte!...

Mas não reconheceu Lohmann. E os crimes continuavam.

O engenheiro Thomas Kent fazia parte da quadrilha. Mas amava uma rapariga honesta: Lilli. E tinha um amigo: Lohmann.

O amor e a amizade, auxiliados pela inteligência e pelo bem, são suficientemente fortes para combater o crime. Unidos, conseguem aniquilar todos os efeitos do legado tenebroso do Dr. Mabuse.

Hofmeister recobrou o juizo.

O Dr. Baum endoideceu.

ANIMATOGRAFO ANO I NÚMERO 11
Lisboa, 12 de Junho de 1933
PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS
Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO — Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA
Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65—Impressão: Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa—Gravuras de BERTRAND IRMÃOS
Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. TELEF. 2 1276 Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO
ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sòmente 1$20)
ÉSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA — Preço 1$50



ARTHUR DUARTE É UM BOM AMIGO

Artur Duarte, o actor português que conseguiu pelo seu próprio esfôrço, alcançar uma posição invejável no meio cinematográfico de Berlim, e que trabalhou em todos os filmes que a Invicta, a Fortun e outras firmas realizaram em Portugal, está de novo a trabalhar no nosso país. Faz parte do Bloco H. da Costa, onde desempenha o cargo de assistente geral, e vai interpretar um dos papeis do filme »Gado Bravo», que António Lopes Ribeiro vai dirigir sob a super·visão de Max Nosseck. «Animatógrafo»



RAPARIGAS: OLHEM PARA ESTA JOVEM ARTISTA E OLHEM PARA O VOSSO ESPELHO. COMPONHAM AS VOSSAS ATITUDES. APRENDAM A SER «ARTIFICIALMENTE» NATURAIS E TENTEM CORRIGIR A VOSSA PLÁSTICA PELO MODÊLO DE MARTHA SLEEPER. DEPOIS — PENSEM